

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

NATAL

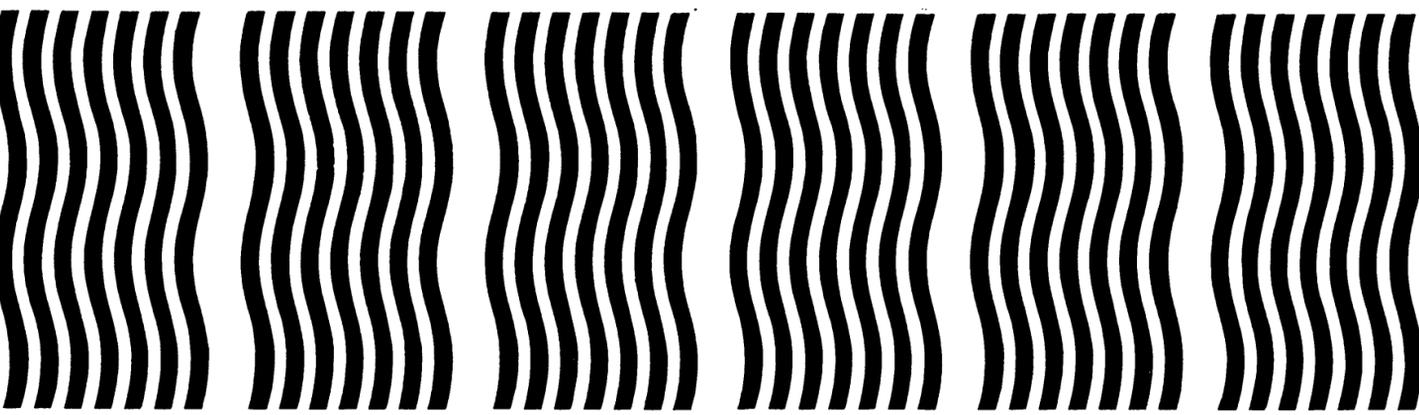
DE

1 9 3 5



A ADORAÇÃO DOS PASTORES

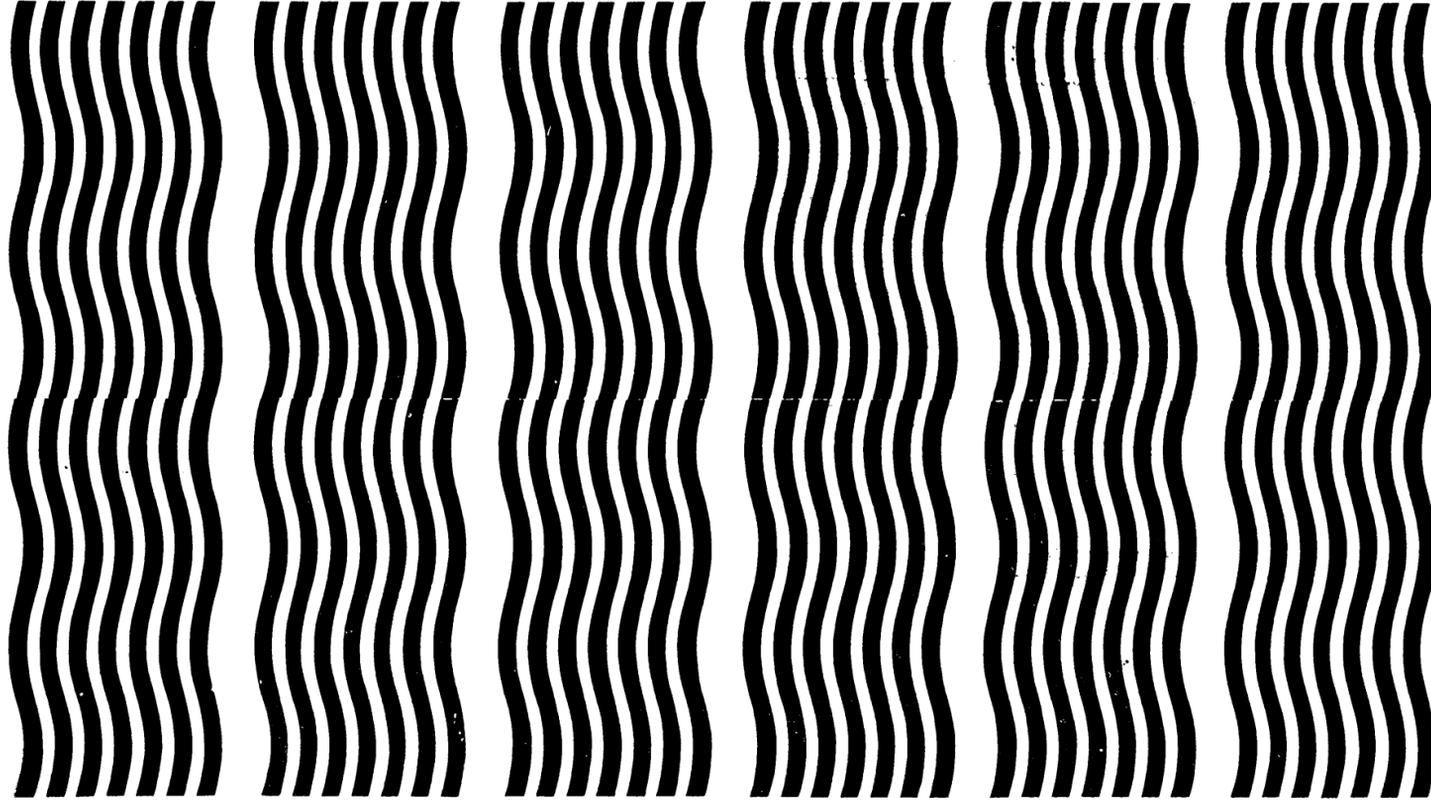
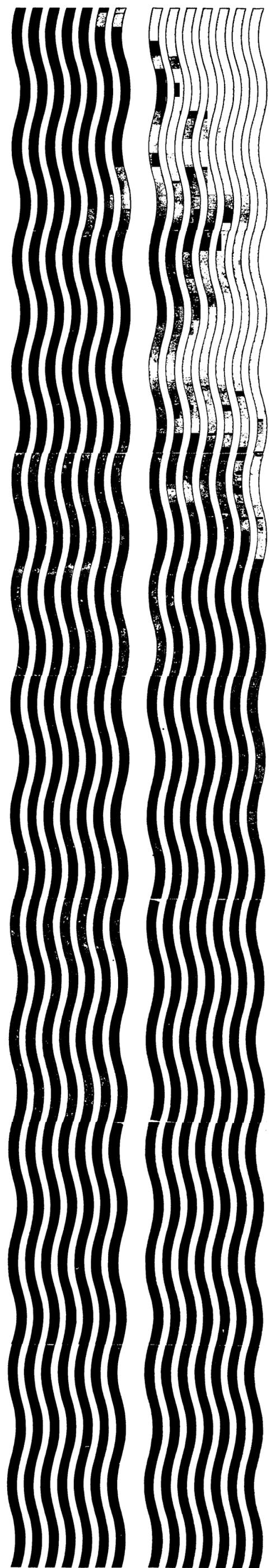
Estudô á pênna de DOMINGOS
DANTAS, sôbre o quadro de
BOUGUREAU



NI A T A L



1 9 3 5



NO

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa, Praça dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone, 27136

Redacção e Administração: R. da República, 45-47 — Telef. 34 — Secção de expediente e arquivos: L. Cons. João Franco, 30 — Composição e impressão: Tip. Minerva — V. N. de Famalicao

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

UM CAVAQUEADOR DE DILIGENCIA

CONTO

POR EDUARDO D'ALMEIDA

NUMA das últimas vezes, senão a derradeira, que tomei a diligência do Cosme, fazendo então a carreira entre Guimarães e Braga, a caminho da aldeia para a ceia de Natal, mesmo na véspera, ao escurecer, debaixo de uma chuva desfeita, um vulgar companheiro de viagem, talvez cincoenta anos, modesta e rapidamente vestido, teve artes simples de prender-me a atenção na fumarada acre de cigarros ordinários, cortando a ladinante melopeia de tanta gente apertada e sacudida aos tropeços das rodas nas fundas covas de água.

Não sei bem como, seja porque, em certos dias, a nossa ferrenha sensibilidade se afina mais pela do comum, no desejo voluntário, e afinal delicioso, da participação afectiva — que nós sabemos reservada às declamações tribunicias e a momentos solenes da folhinha. Vem-me à lembrança o homem do vélio chapéu de feltro, nem licenciado nem mercador, tam desprezado de si como dos outros, e a quem naturalmente apeteceu tagarelar apenas para seu mesmo entretenimento. Recordo o som da voz mística, uma voz nocturna, de inflexão caseira, não consumida no comércio literário ou de botica. Quem fôsse não cuidei nunca de o saber, proveito algum haveria também, pois toda a vida do homem foi para mim aquele só momento, e quem sabe se este só momento a vida toda do homem.

— Antes de vir hoje à cidade — assim começara levantando a gola de veludo do sobretudo, muito desbotada, e a inclinar a cabeça um pouco sobre o ombro — passei as primeiras horas do ante-amanehcer e da manhã num quarto da casa, onde não entrava há mais de trinta anos de bom contado. Era lá o meu refúgio de moço, do moço que se precipita alegre na turba, de olhos ardentes e cegos, e se arremessa apaixonadamente à beira das sensações crepitantes, ingénua e já desvergonhado, cheio de saúde e roído da tristeza do desconhecido.

Fechava-me ali, para não fazer nada e pensar à vontade, sozinho, fugindo à impertinência dos cuidados familiares, com os meus albums de histórias ilustradas, algum romance que me fizesse chorar deveras, e cujas personagens ressurgissem vivas, a meu lado, no tablado do drama, um lápis e papel para desenhar a árvore da frente da casa ou o cão, meu amigo, que me guardava, estirado à porta.

«Nada do que lhe vou contando tem sombra de importância, e assim mesmo é necessário para sonolentar mais a jornada e fazer subir o fumo de nossos cigarros.

«Muitas vezes, não lhe digo, porque não sei, se para descanço, se como muito delibe-

rado propósito, arranjava a portada da janela a poder espreitar cá para fora, sem que de fora me vissem. O que se passava então no meu espírito é profundamente singular, em contraste, e herói máximo eu seria se o pudesse escoreitamente descrever. Era assim como se a curva do horizonte, que da janela conseguia disfrutar, em vez de ser o limite, não digo do meu pensamento, como é natural, mas do meu campo de visão, antes fôsse o ponto da perspectiva, o alto monte serrilhado a que subira para contemplar um vastíssimo panorama. As cousas presentes não tinham para mim realidade nem como futuras.

«Com certeza estou-o confundindo com a gravidade dos meus desacertos, seguro que o homem de juízo moderado regulariz o seu pensamento nas devidas «regras da ordem e do método». Simplesmente eu lhe quero dizer, por exemplo, que ao ouvir cantar os passarinhos, não cuidava de regalar-me na harmonia dos seus coros apaixonados; o que me punha era a imaginar como ainda haveria um dia de os ouvir cantar, quando fôsse um homem, ser livre, dotado de vontade própria, digo: do poder de a realizar, como poeta — a correr os bosques, enfiando-os em sonhos, conjugando os em inéditas harmonias às minhas odes; ou simplesmente mortal, abraçando a minha noiva, sob o luar, entre roseirais em flor; aventureiro e indo encontrá-los em novas paisagens, desferindo e consonando acordes sublimes de pitoresco.

«Rapariguinha que passasse, de formas doces, já levemente de graça tocadas no ritmo quebrado, logo a minha fantasia a criava mulher, e me ligava ao seu destino, nos mais variados romances do tempo e da urdidura. Todas as vocações me atraíam porque em todas um aspecto se revelava interessante, de «contacto puro» o meu íntimo «modo de sentir»: e veja que cheguei a ter saudades dos frades sem já os ter conhecido. Não há pensamento mais disperso e difuso, simultaneamente concentrado, profundo e egoísta.

A vida, que me tentava ferrosamente, como uma religião de infável mistério, enchia-me de verdadeiro medo. Se me dessem licença para correr mundo solto, ia até à estrada, e vinha meter-me em casa. Dela o que me efervescencia era a própria maldade e o grande pecado, para contra aquela arremeter com a força pura do meu sonho, e para me deixar envolver com delícia, pois não devia ser tam mau como o pintavam, o pecado.

«Será agora a ocasião de lhe dizer — tanto mais que o cocheiro desceu do carro para

(Continua na 8.ª pág.)

Camisaria Martins
Casa das MeiasO seu proprietário deseja e faz
os seus clientes e amigos Felizes e um Novo Ano
cheio de prosperidade.

A ARVORE DO NATAL DO POBRE

SEGUNDO seu velho costume, o venerando professor não demorou na classe os pequenos alunos e mostrando-lhes, em frases cheias de entusiasmo, perfeitamente acessíveis àqueles cérebros em embrião, o levantado e nobre conceito da Festa da Família, despediu-os, iniciando as almejadas férias, com votos de um Natal feliz.

E aquela multidão infantil, ávida de folgedos, evacua rapidamente o salão, com um alarido e uma algazarra que faziam lembrar um denso bando de pardais abandonado, ao romper da manhã, a sua nocturna morada.

Era o grande mercado na cidade, a festa da conçoada.

Por toda a parte o movimento, a vida, a agitação: uns



caminham ajouçados de produtos cuja procura a solenidade do dia lhes garante, outros despejam as algibeiras em iguarias e mimos, que fazem conduzir a suas casas em cestos floridos.

A petizada, aproveitando a dispensa da lição que o bom mestre lhe concedera, e af por essas ruas além, mirando e admirando a beleza dos doces, o brilho das ornamentações, o deslumbramento dos brinquedos.

E já cada um foi encontrando as pessoas de família que o acariciavam e convidavam a presidir à escolha dos brindes, dos adornos com que seria engalanado o verdejante ramo de pinheiro, que, manhã alta fóra colocado na sua sala de festas.

Ficara sozinho, caminhando na retaguarda dos seus camaradas, um estudante, de olhar vivo, expressão inteligente, que ninguém procurou.

E' pobrezinho o seu vestir; da rôta saca espreitam os livros da classe; estão violáceas as mãos e os pés que, sem abrigo, recebem a aragem cortante, o frio que regela.

Ele lá vai, sem destino, através de ruas e ruas de balbúrdia e animação, contemplando, com um mixto de tristeza e curiosidade, aquele quadro

movimentado, cuja impressão quem sabe se não será dolorosa para a sua alma de infantil sonhador.

Já o sol acalentador deixa de enviar-lhe os seus raios mitigadores da frialdade atmosférica e vem-se avizinhando a noite.

Mais uma vista furtiva àqueles estabelecimentos pejados de cousas que o deslumbram; mais uma vez espreita pelas janelas, profusamente iluminadas, através das quais descobre árvores de Natal, onde pendem mimos sem conta, e ei-lo chegado à sua morada.

No humilde tugúrio estavam seus pequenos irmãos e sua desvelada mãe que procedia aos arranjos domésticos.

Momentos passados, regressa seu pai do trabalho e acerca-se da lareira onde crepita um fogo brando, que mal lhe fornece calor para as suas mãos regeladas do intenso frio da noite.

Ao seu regaço lançam-se os pequeninos que êle meigamente acaricia e o estudante vai contando as impressões das suas horas de folga, enquanto a mãe prepara a frugal ceia.

Tem o pequeno narrador apreciações e comentários interessantes acerca do que vira e ouvira e tudo descreve com precisão e minúcia, deixando de vez em quando o seu olhar investigador procurar qualquer cousa que a sua imaginação estava a ver.

E de repente, como ideia que não quisera perder, abeira-se do pai, dirige-lhe seus olhos alucinados e diz: Pai, vamos também fazer a nossa árvore de Natal?

E o homem trabalhador, como se o despertassem de um sonho, mira o lar desconfortável, olha a esposa querida que meigamente o contempla, ceiosa de que lhe confie o encargo da resposta difícil, aperta contra o seio os pequeninos que o abraçam, beija o infantil congruente que dêle se aproximava e fica silencioso durante momentos.

Os seus olhos arrasam-se de lágrimas que incontinentes deslizam pelo rosto enrugado da instante luta pela vida e ao arguto estudantinho responde com pesar e meiguice: Meu filho, a árvore do Natal do pobre é o trabalho honrado de todos os dias.

A. F.

O Amor à Terra e à Grai
- eis o nosso lema -

O NATAL

O NATAL é, de todas as festas do ano, a de maiores tradições, a que melhor fala ao sentimento cristão, a que mais deliciosamente impressiona a nossa sensibilidade, e é tam antiga, que se não sabe bem de quando ela data.

Dizem que foi instituída pelo bispo de Telesphore no ano 138, celebrando-se então em qualquer época do ano e por não se saber ao certo o dia do nascimento de Jesus, e que, mais tarde, no século IV, o bispo Cirilo, de Jerusalém, foi quem conseguiu por intermédio do Papa Júlio I, após uma consulta aos sábios do Oriente e do Ocidente sobre o dia do nascimento do filho de Maria, que os teólogos reunidos a fixaram em 25 de Dezembro.

O certo é que nesse dia o Natal se festeja em toda a parte, cada povo a seu modo, mas todos numa unisona expansão de amor a vibrar nos corações em hossanas ao nascimento do menino-Deus, já

tam tradicional na sugestiva evocação da humildade humana, que a cristandade integrou no presépio simples de tábuas singelas onde os reis e os pastores o vêm adorar, pequenino, róseo, a bulir nas palmas modestas junto da Virgem e de S. José.

E depois o silêncio dos céus plúmbeos, o perfil macabro das sombras a bailarem na alvura da neve, o receio do frio, convidam às intimidades da lareira no conforto da família, que nessa noite se prepara com a alegria de todos e para gaudir da pequenada para receber festivamente o velhinho de longas barbas e farta carapuça, que há-de vir no fim das danças e das rabinadas despejar os brinquedos nos sapatos dos bebês...

O NATAL!

O dia da Família que os novos festejam como ao raiar duma nova aurora que lhes sorri, e os velhos sentem num pungir de saudades pelos tempos que passaram...

Poemas e Sistemas filosóficos, não são mais do que obras da Imaginação.

Em que se distingue a Poesia popular — espontânea, singela, da Poesia culta — trabalhada e provocada? Distingue-se pelo seu anonimato e pela sua incultura.

Em que se distingue a Filosofia popular da Filosofia douta? Da mesma forma pelo seu anonimato e pela sua incultura.

Qual vale mais? A Poesia popular ou a Poesia culta? E' uma questão de gosto. A Filosofia popular ou a Filosofia douta? E' uma questão de disposição. *Ideas* toda a gente as tem; o homem da rua e o universitário. Saber é outra cousa.

E' por isso que a hora actual é uma hora de abundância catastrófica de *ideas*, e raros são os que *sabem*.

De todas as *ideas* me tenho servido. Todas elas me têm sido instrumento de trabalho, de averiguação, de análise, de solução de problemas. Sempre com o mesmo resultado: cansaço e tédio; sempre com a mesma verificação; ilusão e vaidade.

As únicas cousas que valem de facto, são: o *Sentimento* e a *Cultura*. O *Sentimento*, como gerador da arte; a *Cultura*, como síntese do saber.

Poema

A minha fé aumenta.

Pregunto-me:

— Porquê?

Porque motivo aumenta a minha fé?

Amargura?

Incertezas?

Cansaço?

A falta da vitória
tranquilha e forte que mereço,
e tarda tanto a vir?

E o meu coração responde apenas: — Crê.

A natividade do Senhor **DIVINO NASCIMENTO**

CORAÇÃO DE OIRO

E' este um dos dias que toda a cristandade comemora com mais solenidade. É um dia de festa familiar, a que todos dedicam o máximo rego-sijo e o maior enternecimento. Festa dedicada principalmente às crianças que, por entre as efusivas expansões de uma inocente alegria, nos fazem adormecer na alma as saúdades de um longínquo passado. Data sagrada, dia inolvidável, que nos faz também sangrar de dor o coração ao relembrar os entes queridos que partiram... e jazem na quietude de um túmulo.

O Natal representa o grande mistério do amor que reverbera como um astro de fulgurante luz nos destinos da Humanidade redimida; é a preciosa dádiva de um amantíssimo coração que se constituiu num penhor de consoladoras esperanças, perante as vicissitudes da vida.

Há quasi dois mil anos que tal facto se deu. Há aproximadamente vinte séculos que na obscura cidade de Belém, nasceu nas humildes palhas de um estábulo uma meiga criança, o Menino Jesus, num desconforto confrangedor.

Porém, o seu nascimento, aguardado com grande ansiedade por todo o Oriente, tornou-se o facto culminante da História da Humanidade.

Decorrem anos e anos e as arremetidas da ciência não conseguem arrancar do coração dos povos e apagar da sua memória a grandeza de tam estupendo acontecimento. Todo o mundo festeja o Natal.

Não houve até hoje sistema algum filosófico que tenha destruído o seu significado, que o tenha apoucado ou negado.

Embora, nesta noite festiva, os âmbitos da crença sejam um pouco alheados pelos entusiasmos das festas tradicionais, contudo essa crença subsiste e perdura em todos os povos, ainda os mais recônditos e longínquos, nos seus templos, nas suas tradições e até nos seus costumes.

Essa criança cresce e, decorridos anos, uns trinta, aparece no alto de uma montanha prêgando uma doutrina toda amor, toda perdão e paz.

As multidões seguem-lhe as pisadas, arrastadas pelos doces eflúvios dos seus ensinamentos altruístas e repletos de uma caridade até ali nunca aconselhada. Os pobres, todos os desprotegidos e as crianças, merecem-lhe as maiores complicações e dedicações. Passam três anos e esse Homem extraordinário morre no alto de uma cruz, no cimo de um escabroso monte, crucificado como um facinora, um celerado da pior espécie, vítima da ingratidão humana. Mas a despeito de tudo isto, essa doutrina, evangelizada pelo mundo inteiro, e cuja semente Ele espalhou com tanta dedicação, é hoje seguida por milhões e milhões de crentes.

Por isso bem merece que lhe celebremos o aniversário natalício, comemorando-o não só com manifestações de alegria, mas demonstrações caridosas a favor dos que sofrem e dos desamparados, a quem Ele tanto quis.

Consoem os ricos em lautos banquetes, haja contentamento nos lares em companhia dos que, há anos ausentes, vieram tomar parte nessas manifestações festivas, mas não esqueçais também que, nessa noite, há famílias que morrem de fome, há crianças tiritando de frio, há crianças gemendo com dores, há velhos, há órfãos, há aleijados e cegos que precisam que se lhes suavise as agruras da vida, que lhes concedam uma migalha da nossa superabundância e que assim lhes atenuem o atroz sofrimento em que lhes decorre a existência, enxugando-lhes

as lágrimas com o óbolo da caridade.

Muitos pequenos nadas fazem alguma cousa perante a miséria alheia. Lembrai-vos do ceitel deitado no gazofilácio pela viúva do Evangelho. Portanto, para que a Natividade seja comemorada com elevação, deve ser acompanhada essa solenização com actos de piedade de forma que desapareça a tristeza do coração dos que passam privações e gozem um pouco do conforto e carinho que lhes faltam.

Auxiliai a manutenção das casas de beneficência da vossa terra, ilustres vimezanenses.

Não as deixeis acabar à míngua de recursos.

Respeitai as antigas tradições, pois, se lerdes a história dos vossos venerandos antepassados, vereis que não poucas foram as albergarias, os hospitais e outras casas em que os pobres e os doentes eram socorridos. Imitai-lhes os exemplos que eles nos legaram.

O Natal é para nós a festa que mais nos sensibiliza o coração, porque nesse dia devem terminar todas as inimizades e discórdias, todos os ódios e malquerenças, deve reinar a paz. Paz na terra aos homens de boa vontade.

Eis o pregão ingente que há milhares de anos se ouve re-

percutido através de todas as gerações. Mas, infelizmente, a despeito de tantos congressos, nos quais nela se fala em todos os tons, as discórdias, os conflitos e as guerras pululam por toda a parte, acompanhadas de muitas violências e barbaridades.

O mundo deseja-a, mas ainda a não alcançou porque não há mútuo respeito pelos direitos, não há a caridade dos mais fortes pelos mais fracos. Reina a ambição no seio das sociedades e impera o despotismo no coração dos homens.

Não julgueis que estas nossas palavras constituem o assunto de uma homília. Não. São reflexões ligeiras que nos sugere essa sangrenta guerra que está decorrendo e cujas conseqüências se nos antolham muito desastrosas para ambas as partes beligerantes. Oxalá nos enganemos.

Mas deixemos estas considerações que nos levariam muito longe e permiti, caros leitores, que reiteremos o nosso apêlo, pedindo vos que os sobejos, todos os desperdícios dos acepipes das opíparas refeições desta quadra festiva, que hoje se inicia, vão minorar os sofrimentos dos que precisam e o Menino Jesus agradecerá.

Desculpai-nos não vos entreter o espírito com um artigo gongórico, todo entretecido com rendilhados de louçanias de estilo, porque a tanto não nos chegamos o engenho e arte.

Pôsto isto, resta-nos apenas terminar, enviando-vos cumprimentos sinceros de BOAS-FESTAS em nome dos contemplados.

P. ALBERTO GONÇALVES.

percutido através de todas as gerações. Mas, infelizmente, a despeito de tantos congressos, nos quais nela se fala em todos os tons, as discórdias, os conflitos e as guerras pululam por toda a parte, acompanhadas de muitas violências e barbaridades.

O mundo deseja-a, mas ainda a não alcançou porque não há mútuo respeito pelos direitos, não há a caridade dos mais fortes pelos mais fracos. Reina a ambição no seio das sociedades e impera o despotismo no coração dos homens.

Não julgueis que estas nossas palavras constituem o assunto de uma homília. Não. São reflexões ligeiras que nos sugere essa sangrenta guerra que está decorrendo e cujas conseqüências se nos antolham muito desastrosas para ambas as partes beligerantes. Oxalá nos enganemos.

Mas deixemos estas considerações que nos levariam muito longe e permiti, caros leitores, que reiteremos o nosso apêlo, pedindo vos que os sobejos, todos os desperdícios dos acepipes das opíparas refeições desta quadra festiva, que hoje se inicia, vão minorar os sofrimentos dos que precisam e o Menino Jesus agradecerá.

Desculpai-nos não vos entreter o espírito com um artigo gongórico, todo entretecido com rendilhados de louçanias de estilo, porque a tanto não nos chegamos o engenho e arte.

Pôsto isto, resta-nos apenas terminar, enviando-vos cumprimentos sinceros de BOAS-FESTAS em nome dos contemplados.

P. ALBERTO GONÇALVES.

*Enchia-se de luz o céu da Palestina!
E essa luz, da Altura,
Com a mesma doçura,
Beijava o verme e a flor,
E a mão assussina,
E o humus e a dor!*

*As fraldas do Carmelo
Nimbadas de luar,
Alagadas de gêto,
Tomavam a expressão dum bonançoso mar!
Nas margens das ribeiras do Jordão
A voz do rouxinol, dolente, delirava!
No monte do Calvário a viração,
Num sonho, murmurava!*

*Semelhantes a flocos erçados:
Hebal, Samaria, Garizim,
De dorsos escavados,
Lá nos longes, sem fim,
Desenhavam-se em sombras monstruosas!
Sorriam nos verjeis setineas rosas
E no Olivete antigo,
Entre os galhos frondosos de oliveiras,
As róis amorosas
E fagueiras,
Sonthavam no seu ninho e seu abrigo!*

*Corridos de Belém os Viajeiros
Seguiram seu destino, assim, ligeiros,
Sem parar,
Mas por veredas tais,
Que ouviam já uivar
Os lobos e chacais!*

*Num rústico asilo,
Estábulum comum dos belemitas
E pastores
Estava um boi tranqüilo
A ruminar os restos do seu penso...*

*José ficou suspenso!
E suas dor's aflitas
Sumiram-se na luz e seus julgores...
Era, pois, o refúgio desejado!
Desceu da jumentinha e, com cuidado,
Ajudou a descer a linda Espôsa.
Na palha, junto ao boi tranqüilo e manso,
Com seu manto de peles de raposa
Fez humilde caminha
Onde ia ter a Virgem bom descanso!*

*No oriente fulgiu uma estrelinha!
E o Anjo Gabriel
Anunciou, então, com voz de mel,
Aos rudes pegureiros
Que o Cristo-Redentor, alfim, nascera!*

*Herodes, o cruel, a maior fera,
Estremeceu de medo
E com êle tremeu Jerusalém!...
O Menino Jesus
Juntou ao seio da Mãe,
Num sorriso de luz,
Sentiu nas faces e boquinha
Como doces beijos
Do boi quentes bafejos
E os baixos de calor
Da linda jumentinha!*

*Do Tigre, os Três-Reis-Magos
Cheios de fé e amor
Prá ali se encaminharam,
E o Messias formoso, em mil afugos,
Saíram e beijaram
Com fervor!...*

Dezembro de 1935.

DELÍM DE GUIMARÃIS.

Curiosidades Mundanas 'NOVIDADE CIENTÍFICA'

Uma árvore

Pelo prof. dr. A. A. de Magalhães e Silva.

O horrível temporal que há dias se desencadeou sobre a França tombou a árvore mais célebre daquela grande República: um cedro do Líbano com mais de 200 anos e ao qual se prendiam inúmeras recordações históricas. Esse cedro, plantado em 1734 pelo célebre Bernard de Jussieu, tinha 32 metros de altura e mais de 8 metros de circunferência a 3 metros de solo. Foi um gigante que tombou, varejado pela tempestade.

O pacote «Normandie»

O pacote-gigante «Normandie» que possui um equipamento ultramoderno, para segurança da sua navegação, acaba de ser dotado dum novo aparelho que permite descobrir, durante a noite e por ocasião do nevoeiro, todo e qualquer obstáculo que se encontre à sua frente, determinando a sua posição a uma distância razoável.

A vida humana

O dr. Alex Carrol, membro do Instituto Rockefeller de Investigações Científicas de Nova-York, afirmou que depois de aturados estudos, chegou à conclusão de que a vida humana, por meio de pequenas operações de rejuvenescimento, pode prolongar-se durante alguns séculos.

O recenseamento da população turca

A Turquia procede actualmente ao recenseamento da sua população. Em Estambul, para simplificar as operações, foi ordenado aos habitantes que fiquem em casa durante todo o dia com o fim de permitir aos in-

quiridores verificarem no domicílio a presença de cada morador. Todos os armazéns, cafés, restaurantes, lugares de prazer, foram fechados e suspensos todos os serviços públicos.

Recebemos um exemplar do opúsculo que, com a designação acima, demos já notícia antecipada e que se encontra à venda ao preço de 2000. É um opúsculo intitulado *Area do Círculo (sua determinação)*, de 16 páginas de não preenchimento total, em belo papel encorpado e assestado, com 3 nitidas e amplas gravuras, e com impressão, aliás difícil, clara e perfeita, edição da «Tipografia Minerva», desta cidade.

Divide-se o opúsculo em 3 partes: *Triangulação do círculo*, tentativa não realizada, e *Quadratura do círculo*, hipótese uma parte e verificação da hipótese outra parte. A par de um pequeno prólogo, o autor indica as localidades da efectuação do seu trabalho — *Regilde, Felgueiras e Póvoa de Varzim*, donde se depreende que pretende mostrar a influência do mesmo no pensamento. Os problemas são versados em forma matemática e se as conclusões e legitimidade podem, consoante o seu valor, interessar a quem se dedique a questões dessa ciência — a estudantes de cursos médios deve interessar o conteúdo, quer pela descrição não ultrapassar a geometria média, quer pelas deduções serem educativas como orientação de raciocínio que, por vezes, consegue chegar a alvos aparentemente inacessíveis. Agradecemos o oferecimento que nos foi feito.

— **C**OMPLETAS amanhã sete anos, filha: Que desejás de prenda?

A Nena respondeu resoluta: — Dinheiro.

E acrescentou dum fôlego: — Avisa o menino Jusus: Este natal não quero brinquedos. Quero notas, notas grandes como as que o papá te entrega ao princípio do mês...

D. Gracinda concentrou-se, apoquentadíssima.

Andava esquisita, a pequena, perseguindo os pais e os parentes com insistentes pedidos de dinheiro... Nem as visitas escapavam... Chegava a parecer mal!

Se a interrogavam, calava-se amuada, fechando-se num mutismo feroz.

Que se passaria dentro da adorada cabecinha loira?

Não comprava bugigangas e guloseimas, à semelhança das outras crianças, o que seria trivial e não iria além de vulgar deslize próprio da idade...

Não! juntava o dinheiro, aferrolhava-o, e às escondidas, deleitava-se a contar e a recontar o seu pecúlio...

Nesses momentos, o fogo cúpido que lhe lavrava nos olhos côr de céu, afligia e desconcertava.

Tratar-se-ia duma... doente?

D. Gracinda amofinava-se. Bem lhe bastava a demorada agonia da mãe, pregada ao leito, extinguindo-se lentamente, e sobrevinha-lhe a mania da filha, crucificando-a ainda mais!

Aquele natal ficou tristemente assinalado.

Dias antes da consoada, D. Francisca, a bondosa avózinha, a santa amiga dos pobres, devolveu a alma ao seu Criador.

Fôra boa filha, boa irmã, boa espôsa e boa mãe — perfeita mulher em tudo! Vivera 84 anos de virtude, caridade e amor. Morria serêna, de lábios cerrados, mãos cruza-

das no peito, apresentando a expressão plácida de quem nada teme da morte.

O luto, ensombrando o lar de D. Gracinda, prejudicou bastante o menino Jusus... Desarmou-se o Presépio, não se acenderam as velas do Pinheiro...

Entretanto a Nena emendara-se do feio pecado da avareza. Perdera o costume de pedir dinheiro e teve mesmo a coragem de se privar do seu tesouro, oferecendo-o à mãe.

— Toma, mamã, não é preciso.

— Para que querias tu o dinheiro?!

— Para salvar a vovózinha. — De que modo, meu anjo? A filha confessou finalmente o seu segredo, e a mãe, escutando-a, reconstituiu a cena que se gravara na imaginação infantil:

Estavam na sala anterior ao quarto da enferma, quando a acometera a segunda crise — a crise fatal.

Enterrada na vasta poltrona, a Nena, de pupilas chamejantes, bebia as palavras do médico:

— A hemiplegia lesou-lhe todo o lado esquerdo. Resiste até ao natal. Depois... só se lhe pusermos um coração novo...

— Eu juntava para comprar um coração novo, dos melhores, igual ao antigo... Devia ser caro!... Tu dizias sempre que a vovó tinha um coração de oiro...!

Abraçaram chorando, e D. Gracinda explicou à Nena, a soluçar, que os tais corações de oiro não se compram com dinheiro...

E' Deus que os dá e os torna a receber das pessoas que souberam viver uma vida de virtude, caridade e amor...

Pôrto, Dezembro de 1935.

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

Impiedade e desolação

A Festa dum pai...

DEZEMBRO. O Inverno põe uma nota triste no viver terrenal, de tam rigoroso que se apresenta. Geadas, névoas, ventos agrestes e persistente e teimosa molhinheira de chuvas...

O céu, baço e plúmbeo, não deixa atravessar um raio de sol brilhante e radioso, sol que seja um hino de esperança entoado pela nossa fantasia ou, ainda, um reverbero que torne a luz mais intensa e abra as almas em êxtase.

Empanada e húmida, a terra não se endiadema duma singela coroa de vegetação, passada e repassada dos esturpidos que a calcam e gretam.

Durante o dia, o cinzento e a tristeza.

No subir da noite, a solidão que nos enche de calafrios e de susto.

Li em algures que um anjo desejoso de ver a terra, nesta quadra do ano, dela se partiu alanceado de tristeza, só adquirindo plena consciência da sua viagem e digressão, quando o Menino-Deus o chamou para que lhe contasse das impressões colhidas.

Ainda tomado de uma desilusão sem limites, não encontrou outras palavras que não fôsem de desolação e desespero para bem descrever o que vira e contemplara, de tal modo se lhe fixou, nas suas retinas embaciadas, e infortúnio dos séres e das cousas, e em tanta monta considerou a impiedade divina.

— «Oh, meu Senhor! Vi lagos de chuvas, árvores com frio, crianças molhadas, os vé-

*Naquêl dia de Festa,
consagrada em tanto lar,
Jesus veio, pela sexta,
o seu fôlho buscar...*

*Mansarda pobre, sem pão,
foi visitá-la Jesus;
no meio da escuridão
brilhou um raio de luz!*

*Viu uma pobre criança
em tristes palhas deitada,
a seu lado, sem esperança,
uma alma dilacerada,*

*Jesus cicion baixinho,
e assentava na ideia:
— de levar o doentinho
pra assistir à sua ceia!...*

*Caminhara, solitário,
sem alinar para onde ir:
p'ra fugir ao calvário
em que a sua alma vivia...*

*Todo o seu ser era, então,
tabareda incandescente:
a febre do coração
fez d'êle um pobre demente.*

*Na valeta dum caminho,
na noite de consoada,
aquela alma, em desalinho,
tombou, p'ra sempre, cansada...*

*Jesus, seu filho levava;
e êle tanto padecera,
que a morte, humana e amara,
em seu manto o envolveu...*

Natal de 1935.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

Ihos a arrastarem os pés pelos caminhos ásperos... Jesus, a dor dos homens existe; existe a tempestade que atira os vapores dos mares contra as rochas; existe o vento que vai colar os farrapos molhados à carne dos mendigos; existe a amargura.

Dezembro de 1935.

L. COELHO.

CANTICO

Mulher, eu te saúdo!
Teu corpo escultural, esplendoroso,
Cheio de mocidade,
De ritmo,
De graça,
Sempre que o vejo fico extasiado e mudo.
Se nada então te digo,
Se nada te murmuro,
É porque ante o esplendor do teu corpo eu sou m'ndigo
E o meu lódo é pior do que o lódo abjecto dum monturo.

Se hoje, porém, meus lábios
Te murmuram esta limpida canção,
Quem te jata por eles não sou eu,
Barro mesquinho,
Mas aquele outro ser que vive em mim
É que procura e ama a Perfeição
De tudo quanto existe,
Desde o oiro do Sol à queadura dum ninho!

EUCLEDIS SORTO MAVOR.

Meditação do presépio

APOTEOSE

A cena de Bethlém, que todos os anos se renova, numa comovedora evocação do nascimento do Deus Menino, encerra uma alta lição que importa salientar, nestes tempos turvados de inquietação e de descrença.

Cai a neve. Mas a neve que vemos cair já não é alva, já não é branquinha como era nos tempos radiosos da nossa juventude. A neve que cai enregela os corações e as almas, tornando-as impedernidas e incapazes de sentir e de agasalhar sentimentos elevados. A neve que cai assemelha-se mais a uma chuva de cinza, que monotoniza o ambiente, que tudo confunde, e onde o claro sol não brilha e onde a lua não pode extrair reflexos de prata.

Porém, a cena do Presépio, continua a dar-nos a noção exacta da vida e da virtude. Não é, apenas, o exemplo de humildade que se extrai daquele nascimento pobre, sem pompas nem grandezas, numa cabana abandonada, em que só existem umas escassas palhinhas para agasalharem o corpiño tenro do Redentor. Não é, apenas, essa pobreza virtuosa que se nos depara, ao bafo morno de um boi e de um jumentinho, entre canticos de anjos e estrelas que brilham intensamente no azul do céu. Não é, apenas, a glorificação dessa humildade que nós vemos nas oferendas dos pastores ou na adoração dos Reis Magos.

Na cena de Bethlém, nós vemos, a santificação do Lar, a glorificação da Família, base indestrutível das sociedades, fonte donde brota a água cristalina da virtude. E, assim, a festa do Natal converteu-se na verdadeira festa da Família: — lares que se repovoam, que se unificam, que se alegam, longo abraço que une as almas, cadinho milagroso que as purifica e retempera, sol de maravilha que as aquece e as conforta.

A cena de Bethlém! Como eu a vivo e a evoco na meditação do Presépio, de joelhos e concentrado na grande lição que encerra! Como as almas seriam mais puras, mais nobres, mais irmãs, se tivessem sempre presentes essa lição magnífica de humildade, de pureza, de virtude, de amor cristão!

Meditação do Presépio! Noite de Natal! Festa de Família!

Cai a neve de mansinho, para não acordar as almas, para as não trazer à realidade bruta da vida! Cai a neve de mansinho, branca, muito branca, como espuma do mar! Mas a neve que cai já não enregela as almas. Acalenta-as numa alta lição de vida e de amor. É essa neve, branca e pura, onde o sol se espelha e a lua se reflete, vai-se tornando, por milagre do Deus-Menino, em estrada luminosa, que, rasgando o nevoeiro da Dúvida, nos faz antever os horizontes sempre novos e sempre eternos da Fé.

Natal de 1935.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

UM NATAL POBREZINHO E TRISTE

NATAL

À MEMÓRIA DE MINHA SANTA AVÓ MATERNA, MARIA FERREIRA : : : NANTES BORGES : : :

Já lá vão cinquenta anos! Em vésperas do natal saíra o guroto de Santa Estefânia para, como os demais que o solicitaram, passar as férias com a família. De visita ao tio Domingos que desempenhara o lugar de mordomo em casa abastada em frente da igreja de S. Sebastião que há largos anos já não existe, recebera uns magros cobres, doze vinténs, quando muito, para a passagem na diligência. Era meio dia e o carro só partia às 3 da tarde.

Os seus treze anos venceriam, facilmente, a caminhada de três léguas e pico. A bagagem limitava-se à merenda e um pequeno embrulho que o tio lhe dissera ser a Consoada. Caminhou, estrada fora, sem receio de se enganar, contente e alegre porque, em breve, chegaria à sua aldeia e caíria nos braços da avózinha; apenas, uma ou outra vez, pensou na possibilidade de lhe roubarem o dinheiro e a consoada; seria o maior dos desastres. Assim, quando encontrava pessoas que lhe inspiravam maior confiança, caminhava na sua esteira. Faltava-se, então, muito no « Papa-Açúcar », ladrão temível, que assolava as redondezas de Guimarães! Chegara às Taipas por volta das duas e meia; respirava, já, outro ar; meditou em plena rua; a fadiga começara a manifestar-se. Mais de meio caminho, porém, estava vencido e, isso, animava-o e deu-lhe o alento necessário para prosseguir na penosa caminhada. Quando divisou, lá muito longe ainda, a capela de S. Romão, no alto da Citânia, espalhada pelo sol poente, uma nova alma surgiu; novo alento o confortou; já pouco faltava para chegar à sua aldeia; em breve beijaria, enternecidamente, a sua querida avózinha. Que saudades desde as últimas férias! Santo Estevão de Briteiros! Coração a latejar e a alma inundada dum prazer inexplicável! Passou, com receio, a Bolonha, mal afamada e, chegando à curva, ao fundo da veiga, estacou instintivamente!

Já não tinha pressa; era ali a sua aldeia! À esquerda, a igreja de Donim; ao cimo, a de S. Bento; ao meio, a sua casinha com o seu eido! E ali se quedou, entre alegre e pensativo, admirando as belezas que a natureza espalhou pelos campos que têm o Ave a seus pés. Meia dúzia de passos mais tornejando a bouça do Carvalhal e ei-lo em frente da sua casinha! Cautelosamente, para não ser pressentido, levantou a aldraba do cancelo, abriu este e, atravessando o quinteiro, passou ao eido para admirar, sobretudo, um velho loureiro onde as aves costumavam aninhar-se, as árvores de fruto, a horta, tudo enfim, onde havia um pouco do seu ser! Fora criado ali; ali, talvez, viesse a morrer!

Volta, novamente, para junto do cancelo e, mais calmo, agora, encoraja-se e grita: Avózinha!

E ela, sentindo a voz do sangue, acode, pressurosa, à porta, abrindo-lhe os braços e lançando no espaço, com ternura e enlevo, pleno de magia nunca, até então, sentido: — Meu netinho!

E' que se ele tinha muitas saudades dela, também ela morria de saudades por ele!

Véspera de natal; céu coberto de nuvens; sobre a serra de Gondomar pairaram os cirrus; para os lados de Guimarães, os nimbos e os cúmulos; o monte de S. Romão quasi não se divisava. Desde manhã que ele percorria as fontes, para ouvir o seu cantar, as poças, para presenciar o coaxar das rãs; as bouças, para se enlevar numa ou outra flor campestre, em rebentos precoces; as ciras, para admirar os espiqueiros e, finalmente, o Ave que a invernia tornara praguejante, orgulhoso do seu caudal espumante e bravo, sobretudo, no açúde junto à antiga ponte de Donim. Começara o entardecer; as aves, pipilando, buscavam refúgio seguro, antes do anoitecer, quer no arvoredo de fôlha permanente, quer nos beirais dos telhados; nas lareiras crepitava já o lume para a ceia e o fumo que dele provinha, procurando saída para o espaço, formava colunas dum negro retinto que, a breve trecho, se desfazião, impelidas pela brisa de correntes opostas e ondulantes.

O sino do campanário tangia às Trindades e o seu som compassado, atento o silêncio da aldeia, inspirava profundo respeito e convidava os fiéis à oração da noite.

Mesa posta; dois talheres apenas. Lado a lado, a avó e o neto; pão, bacalhau e couves orvalhadas com azeite, uma rósca e uma fatia de carne de porco que o tio Domingos mandara à mãe; o bacalhau fora comprado com o dinheiro que o tio dera para o carro.

Logo no princípio, quando ele pretendia apoderar-se da côdea superior da broa, ela advertte: — O pão parte-se a eito! Isso é feio e, Nosso Senhor, ralha!

Correu o repasto, sem outro incidente, até meio, quando a Santa avózinha reparou que o neto não comia.

— Por que não comes tu, meu filho?

— Porque vejo que a avózinha tem lágrimas nos olhos!

— Não é nada, redargue ela; é que me lembrei do teu avó, que perdi!

E o pobrezito, soluçando, lágrimas correndo em fio, lança este gemido soluçante e pungente: — Avó da minha alma, não chore na noite de natal!

Amainou o pranto da avózinha e a sua mão anquilosada afagou, sentidamente, aquela cabecita loura que, bem cedo, perdera o pai.

No dia seguinte — dia de natal — aquelas duas almas, por mais esforços que empregassem, foram dominadas pela mesma angústia: — a perda dum ente querido que a morte lhes arrebatara. Foi um natal pobrezinho e triste!

Não quis Deus que a avózinha chegasse a conhecer uma bisneta que é o anjo dum lar e que dela herdou as raras qualidades do seu excelso coração, onde a bondade tinha lugar preeminente, a par d'outras esplendorosas virtudes.

Quando ao neto, é caso para parafrasear o provérbio de Salomão, visto que não vive a miséria aborrecida, nem está cercado de riqueza tamanha que o tente e sente-se contente.

Dezembro, 1931.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Nasceu enfim Jesus. E mansamente, Britharam as estrelas pelos Céus. F a Virgem-Mãe, numa paixão ardente. Rezava, olhando p'ra o menino Deus.

O vento adormecia nas quebradas. Tinha mais vida e cor a própria luz. Numa auréola de estrelas prateadas Resplandecia a frente de Jesus.

Postas as mãos numa oração sentida. O olhar puro de alegria e fé, Par'cia que fulgor duma outra vida Iluminava o rosto de José.

E num beijo sem par de amor divino, D'un sacrossanto amor casto e fecundo, Esse Jesus, rosado e pequentino, Deu com a sua vinda luz ao mundo.

FLORA CASTELO BRANCO.

SOMBRAS QUE PASSAM...

Uma carta

Guimarães, 14-12-935

Meu prezado amigo:

Pede-me qualquer colaboração para o número do Natal do *Notícias de Guimarães*, que tam dignamente dirige. Bem contra a minha vontade, tenho de indeferir o seu pedido.

Acidentalmente, trago a cabeça cheia de mando, cite-se, intime-se, defiro, indefiro, julgo, além dos habituais inscrevo, cancelo, averbo, descrevo, e converto.

Andando assim tam preso à terra, não me é possível, por falta de tempo, deixar desprender a alma para voar um pouco ao de cima desta crosta.

Deixe-me reentrar no meu viver normal e depois conversaremos.

Creia-me com a melhor estima

Att.º e Obrg.

(a) João Ayres d'Azevedo.

NATAL

Pobre Menino-Jesus! Homens e bois te adoraram E mais tarde, numa cruz, Homens te martirizaram!

Vinte séculos depois, Os homens não melhoraram E inda são mansos os bois!

JOÃO SARAIVA.

MALHAS

As últimas novidades e aos melhores preços só na

CAMISARIA MARTINS — Casa das Meias

estendida sa smagras mãos de miséria e dor.

No entretanto, na Catedral da minha Alma, abafava um grito de angústia, fundo e cavo, não fosse ele ser ouvido na Catedral do Mundo, que continua ainda, nesta hora alta deste meu Natal, como enorme pesadelo a condenar, cruelmente, os humildes e os desgraçados...

Madrugada alta de Dezembro.

A neve continua a cair, branda e leve; e, ao longe, e ao perto, os sinos repicam festivamente de quebrada em quebrada. Só o meu coração não canta nem ri...

E para que este meu Natal seja ainda mais amargo na sua dura realidade, não tenho nem a graça dum sorriso meigo e doce, nem uma gargalhada fresca a fazer-me esquecer que ando na Vida por solitários caminhos...

... Vou fechar os olhos para sentir, ao menos, o meu tam distante Natal de menino...

Natal-1935.

DOMINGOS RIBEIRO.



... E JESUS NASCEU!

REGRESSANDO de uma viagem longa de muitos dias caminhavam em direcção a casa José e Maria.

Muito longe ainda, sentindo-se cansados e vendo aproximar-se a noite abeiraram-se de um curral, aonde entraram, para pernoitar.

Fazia um frio intenso e um vento agreste açoitava, implacável e desabrido, a humilde e desprotegida choupana, penetrando lá dentro através dos tapamentos esburacados.

Não havia cama nem uns trapos sequer que lhes servissem de agasalho. Envolvem-se ambos numa porção de palha da que ali se achava para sustento dos animais, e ao lado destes se deitam para descansar.

Meia noite, nasce Jesus! Estavam confirmadas as profecias!

Um cântico de anjos entoado no espaço os mais belos e melódicos cânticos, que revoam, ouvindo-se além...

No dia imediato a fausta notícia corre de boca em boca pelas aldeias, o retumbante acontecimento, muito comentado, célere percorre mundo, produzindo inquietação e alvoroço.

E num frémito de alegria quasi louca, aliada ao natural desejo de constatar de visu tam prodigioso successo, eis que de toda a parte começa de convergir para o local gente em massa, e, desde os humildes pastores aos maiores potentados, todos se curvam e prestam ao recém-nascido as homenagens mais cativantes e comoventes.

E assim, os três sábios do Oriente que se dedicavam ao estudo da astronomia, tendo notado, naquela noite, a aparição no firmamento de um astro que se distinguia de todos os outros pelo seu brilho excepcional, tiveram o pressentimento de que algo de extraordinário se passava no mundo. E, passados uns dias, ao verem confirmado pela boa nova o seu pressentimento — tocados certamente por uma graça sobrenatural — lançam-se a caminho, seguindo esse astro que os conduz a Belém, encontrando Jesus-Menino, a quem prestaram também as mais subidas honras e fizeram valiosas ofertas.

O que nunca os Magos imaginaram foi que, um dia, havia de ser Ele o irreductível adversário das grandes e das honrarias, o que demonstrou mais tarde, quando Homem, iniciada a sua vida pública, na firmeza dos seus princípios, no completo desapego dos bens terrenos, na sua humildade incomparável, revelando-se sempre grande amigo dos pequenos e dos fracos, absolutamente contrário à iniquidade e à prepotência, que procurou aniquilar.

«Não faças a outrem o que não queres que te façam».

Mas... ontem como hoje!

Não agradava a todos a sua doutrina sublime!

E começam de Lhe mover uma perseguição tremenda, uma guerra feroz, servindo-se de todos os meios e de todas as formas.

Tinha de ser dominado pela brutalidade da força, visto que a pureza da sua doutrina não admitia subterfúgios nem meios termos, indo de encontro aos maus costumes e velhos preconceitos, o que O levou ao Calvário onde, entre as maiores blasfêmias, injúrias e sarcasmos, essa guerra teve e seu epilogo!

C. R. CAPELA.

CAMISAS-GRAVATAS
GRAVATAS-CAMISAS
SÓ NA
LOJA DAS CAMISAS
— JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL —

Na floresta do passado... e a neve do Natal

NO máximo de intensidade de recordações, apresenta-se à nossa Infância o Menino Jesus, que, pela calada duma Noite de Natal nos apresentou... Ao despertar a nossa alma, ingénua e simples, elevou-se a Deus, na subconsciência dum agradecimento recolhido e interno!

Perante esse Passado, o Natal tinha grandeza, a grandeza humilde para ricos e pobres, choupanas e palácios, pois que o Menino Jesus abria o seu manto na generosa visão dum igual e fraternal contentamento, onde se condensava toda a humanidade em aspiração feliz e real...

Mas hoje a Saúde evoca a nossa existência familiar de infante e transporta-nos para a realidade, através o desenrolar de largos anos que vieram nascer e morrer muitas ilusões e esperanças. Mas a ilusão da Vida existe sempre, e se ela oferece diferentes cambiantes, certa é, porém, a nossa fé nos destinos humanos; — e a Noite de Natal é o significado mais sublime de que o homem é feliz, mesmo pobre, e tendo apenas a envolver-lo, a sua mulher e filhos, uma manta de farrapos, fria, gelada... e quente ao calor do pensamento que abraça o vasto mundo de todas as ilusões e de todas as realidades!

A vida é um sudário de paradoxos: — Oscar Wilde, na sua paradoxal estrutura, vivo na decadência, deu um nome suposto à sua própria morte, quando não era mais do que a sombra dum elegante inglês, que com brilho mas torturada a alma, jogava a inteligência no mistério da sua filosofia!

E se há choupanas e palácios, se a Miséria vive ao lado da Opulência; — recordemos que na Noite de Natal pobre nasceu Jesus, mas que pelos séculos fora criou, alastrou e radicou a riqueza imensa que em nossas almas existe para além da ascensão espiritual da Humanidade!...

Natal de 1935.

ILIDIO PROENÇA.

CAMISAS
GRAVATAS

Os melhores preços
O maior sortido só na

LOJA DAS CAMISAS

Casa dos Pobres

Resumidamente, porque o tempo e o espaço nos falham, vamos dizer só com números, aos nossos leitores, o que esta grandiosa obra de assistência tem feito desde o seu início.

A Casa dos Pobres distribuiu e forneceu:

Subsídios em dinheiro — de Maio de 1934 a Dezembro de 1935 — 116.973\$30.

Subsídios para transportes — de Julho de 1934 a Novembro de 1935 — 447\$10.

Balneário — de Julho de 1934 a Novembro de 1935 — 8.207 banhos.

Subsídios para renda de casa — de Setembro de 1934 a Dezembro de 1935 — 1.205\$50.

Refeições fornecidas a pobres — de 25 de Fevereiro a 30 de Novembro de 1935 — 36.423.

Barbearia — de Junho a Novembro de 1935 — 1.760 barbas e 372 cortes de cabelo.

Vestuário — foram fornecidas 14 peças de tecidos para confeccionar e 548 peças de roupa confeccionadas.

A Casa dos Pobres tem, como já demos notícia, em laboração a «Cozinha Económica», para as classes menos abastadas.

De Junho a Novembro já forneceu a operários — 6.677 sopas, 7.154 pratos, 4.756 rações de pão e 4.987 copos de vinho.

Estes elementos foram-nos gentilmente fornecidos pelo nosso bom amigo e digno director da Casa dos Pobres, sr. Joaquim Laranjeira dos Reis, que é ao mesmo tempo um valoroso auxiliar do também nosso bom amigo sr. João Teixeira de Aguiar, um dos fundadores daquela benemérita instituição vimaranense.

O Natal dos nossos Pobres

Está à porta o Natal e os pobrezinhos vão-se abeirando de nós, todos os dias, pedindo os não esqueçamos no Grande Dia consagrado à Família. E são tantos, tantos, que o *Notícias de Guimarães*, a exemplo dos anos anteriores, abre hoje a sua subscrição, fazendo, ao mesmo tempo, mais um apelo a todos os seus leitores e amigos, certo de que eles virão, mais uma vez, trazer as esmolas que hão-de, na grande e evocadora Festa da Família, transformar-se em pão sobre muitas mesas.

Transporte	609\$50
Guarda Nacional Republicana (*)	30\$00
João Teixeira de Aguiar	20\$00
Simão Costa	2\$50
Joaquim Laranjeiro dos Reis	5\$00
Anónimo	20\$00
Anónimo	25\$00
X	20\$00
Antão de Lencastre	10\$00
XX	20\$00
M. Santos	5\$00
António de Araújo Salgado & C.	10\$00
João Pereira Mendes	10\$00
José Jacinto Júnior	10\$00
João da Mota	10\$00
Benjamin de Matos	10\$00
Alberto Teixeira Carneiro	5\$00
Luiz Alijó de Lima	5\$00
João Pinto de Figueiredo	20\$00
Eduardo Lemos Mota	5\$00
Sebastião Pereira Guedes	5\$00
Manuel C. Martins	10\$00
Joaquim de Sousa Pinto	20\$00
André Martins dos Santos	10\$00
António Pimenta	20\$00
João Garcia de Almeida Guimarães	10\$00
Agostinho Martins da Rocha	5\$00
A. B.	10\$00
José Pereira Guimarães	30\$00
José Maria de Almeida (Amares)	30\$00
João Garcia (por alma de seu pai)	10\$00
Doutora Edviges Machado	10\$00
José Joaquim	5\$00
Joaquim da Silva Soares	5\$00
D. Júlia Simões	25\$00
Total	1.057\$00

(Continua.)

(*) Esta importância foi-nos enviada com um amável officio do digno Comandante da G. N. R. e nosso bom amigo sr. tenente Rebelo da Cruz.

Madureira & Oliveira
L. Oliveira — Guimarães

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes,
desejando-lhes Boas-Festas e um
Novo Ano muito próspero.

SE EU FORA... MAS O QUE SOU:

*Se eu fôra um poeta, cantava em meus versos,
Suspiros dispersos, meu vago cismar;
De luz inundava os rostos imersos,
Se fôra das noites a luz do luar.*

*Se eu fôra pintor, vertia na tela
A imagem d'Aquela, qu'inda sei guardar;
Em frente das armas morria por Ela
E, como um guerreiro, ia batalhar.*

*Se das auras fôra a mais elevada,
Ou do mar fôra, alta vaga azulada,
Seus pés viria na praia beijar.*

*Nada disto sou. Sou um torturado;
Sou um homem que tem na fronte estampado
O sulcro profundo dum longo penar.*

EDUARDO AZEVEDO.

O melhor presente de Natal: Gazetilha

Um par de sapatos da **Sapataria LUSO**

Ierouschalaim

Ieschoua-ben-IOSEFF

*Ninguém sabe do menino
Perdição em Jerusalém.
Ninguém sabe o seu destino;
Ninguém o sabe, ninguém!...*

*S. José por uma banda,
Por outra a Nossa Senhora
Também o procura, e anda
Cheia de fé redentora!*

*E não existe ninguém,
Não ha um só peregrino
Que saiba do Deus-menino,
Perdido em Jerusalém.*

*Preguntam a seus parentes
E a muitas outras gentes
Se acaso viram passar
Um menino muito loiro,
Seus cabelos, fios de ouro,
E seus olhos de encantar!*

*E há quem responda sorrindo:
Um menino assim tam lindo
Nunca vi, nem encontrei!...*

*E, senhores da mesma fé,
Lá se foi o San José
A-mai-la Nossa Senhora
Encontrá-lo, discutindo
Entre os Doutores da Lei...
Bem-dita a Fé-Redentora!...*

*Hossanas...! nasce Jesus
Para dar ao mundo luz...
Mas há uns certos cristãos
Que não seguem seu preceito,
— Do torto fazem direito,
Não conhecendo irmãos.*

*E são de tal natureza,
Que mesmo a triste pobreza
Té andam a explorar;
E com este proceder,
Está Ele inda a nascer
Já o estão a matar.*

*Ai meu Jesus, meu bom Deus!
Olha que estes farizeus
Agora são mais tiranos;
Se cá voltas outra vez,
Morres no primeiro mês,
Não vives trinta e três anos.*

*E sabido que — Senhores,
— Meus estimados leitores —,
Não sois da citada raça;
E perdoais complacentes
As piadas inocentes
De gazetilhas sem graça.*

*Por isso tomo o ensejo
De vos dizer que desejo
Ao Director do Jornal,
Aos seus colaboradores
E a vós caros leitores,
— BOAS-FESTAS NO NATAL.—*

CLAROS.

Garrafas vazias

Compram-se na **PENSÃO COMERCIAL**
Toural — Guimarães

JOÃO NETO.

SORTE-GRANDE DO NATAL

JOÃO LOBATO era um artista pobre, mas honrado, muito amigo da família, dos pequenos — duas crianças loiras e vivas, saltando-lhe aos olhos mal ele chegava do trabalho ao anoitecer.

A esposa, uma santa mulher, sempre carinhosa e desvelada, ansiosa por que ele chegasse, com cuidado por que elle não acontecesse algum mal na fábrica.

Nunca lá entrou! Não que ela tinha medo daquele ruído e das numerosas rodas girando incessantemente, e como receava, estremecia pelo seu marido, e temia enviá-lo dum momento para o outro.

Viviam, porém, apoucados. A fêria era mediocre e não dava para a despesa; tudo era tam caro!

Depois, quatro bocas a comer; além disso a pobre mulher andava grávida, na ultima hora!... era impossivel passar com a ridicularia de seis escudos diários.

João Lobato entristecia-se vendo a esposa emmagrecer, não tanto pelo estado em que estava, mas pela má alimentação que tinha; carecia de melhor sustância, mas não havia dinheiro e ninguém fiava d'elle...

Um dia, eram pouco mais de seis horas da tarde, dirigia-se elle para casa, como costumava, quando, numa das ruas que atravessava, ouviu a voz esgançada dum auteleiro gritar: — Amanhã anda a roda!

O coração estremeceu-lhe à lembrança, parecendo-lhe que os olhos da gente que cruzava lavaram-se do seu igoísmo habitual reflectindo uma luz mais doce.

Acudiu-lhe à mente, comprar uma cautela. — E' o único! bradava o cauteleiro, agitando no ar a tentadora.

João Lobato encaminhou-se tremendo. Meteu a mão no bolso onde trazia a fêria. Tentou depois retroceder, porém o cauteleiro meteu-lha à cara, elogiando a beleza do número. — Como é palpante! dizia. E' o último! repetia.

Ele não resistiu mais, tirou fora do bolso os trinta escudos e comprou-a — era de vinte e dois escudos a cautela.

A mulher em casa esperava-o com impaciência. Os pequenos à porta irritavam-se já com a demora do pai e pediam pão para ir enganando a vontade de cear que os começava a apertar.

Por fim chegou João Lobato; abraçou os pequenos, e alegre, muito alegre, beijou a esposa, como costumava.

Depois cearam e deitaram-se.

Já os pequenos dormiam quando João contou à mulher com uma ponta de febre a aquisição que tinha feito da cautela.

Ela, ao principio, repreendeu-o: — Que foi uma tolice, que não estava em circunstâncias de fazer tal despesa, que era dinheiro deitado à rua... Porém elle architectou tais castelos no ar, fez o futuro tam risonho... — que se saísse a grande, era uma pechincha... setenta e cinco contos!

Então já podiam comer carne ao jantar, eram uns fidalguinhos! que tivesse esperança. — Que não! dizia ella, felicidades e conforto não são para os pobres, rematava.

No dia seguinte à noite João dirigia-se a casa para descansar, quando encontrou no caminho um cauteleiro com o telegrama dos prémios grandes da lotaria do Natal.

Viu o número da grande era o 7.706 — apalpou na algibeira, porém não tinha trazido a cautela, a mulher tinha a guardado cuidadosamente.

Mal chegou a casa pediu-lha, examinou o número — era efectivamente o 7.706!... — Que era a grande, que ti-

nhá apanhado a grande, gritou elle quasi saltando; e a mulher e os pequenos, espantados, muito alegres, partilhavam no anseio da boa nova, tam inocentemente como aquelles que na noite do Natal dispõem os seus sapatos à beira da chaminé por onde virá Jesus recheá-los de prendas!

Então mulher e marido transportavam-se com a imaginação a uma outra casa melhor e maior... maior, sim, que aquele pobre tugúrio, era muito acanhado para quatro pessoas, e com um quintalzinho, diziam.

Imaginaram um enxoval para a criança, um vestido de fazenda para a esposa — e que para elle devia comprar um fato preto, decente para ir ao baptizado. Oh! que felicidade! e simultaneamente comungaram no mesmo pensamento e sentimento, de olhos voltados para o alto julgando-se emancipados da miséria e cheios de ventura já.

No dia seguinte, de manhã, dirigiu-se João não à fábrica, como costumava, mas a casa do Magalhães, no anseio da boa nova, e apresentou a cautela ao caixeiro.

Ele mal olhou sorriu irónicamente e disse — que estava premiada de facto com a sorte grande, porém era falsa, porque o nome que a firmava era suposto.

João pôs-se amarelo, tremia, rangeu os dentes assombrado. Sossegou depois um pouco e examinando-a disse: — que ela tinha ali um carimbo com a morada do revendedor.

Que sim, respondeu-lhe o caixeiro, porém nesse número certamente, que não existia tal individuo.

João saiu dali esbaforido, tremendo, e dirigiu-se ao tal número; era ali um funileiro. Preguntou-lhe se não morava ali um sujeito chamado Moreira — que não, respondeu-lhe o dono da loja.

Ainda nutria uma esperança de que o caixeiro se enganasse e acabou de lha dissipar. Capacitou-se por fim de que estava tudo perdido.

Eram nove horas já. João Lobato dirigiu-se correndo para a fábrica. No escritório disseram-lhe que não era admitido.

Pediu para falar ao gerente. Foi introduzido no gabinete e expôs-lhe as razões que o determinaram — disse — que sim, que não seria despedido, atendendo a que tinha sempre sido bom operário, mas com a condição de trabalhar desde aquela hora até à noite vencendo meio dia simplesmente.

João sujeitou-se a tudo.

Ao meio-dia, quando foi jantar, entrou em casa triste e acabrunhado pelo engano de que tinha sido vítima.

A esposa aguardava-o ansiosa; porém, mal entrou carancudo e sem dizer palavra, o coração que se tinha alvo-rocado sossegou, e esperou friamente algum desengano.

— Que tinham sido roubados, bradou o João com acento cavernoso. Ladrões! ladrões! exclamava; e depois mais sossegado contou à mulher tudo desde a sua ida ao Magalhães até à resposta do funileiro; e depois que o não queriam receber na fábrica, uma corja, que por cima ainda lhe furtavam meio dia por ter ido mais tarde uma hora apenas!

Ela chorou, arrepelou-se, e com mais tristeza dizia — que emfim, a perca da cautela... mas meio dia de menos! grandes comilões! bradava; e pensando na felicidade de que lhes fugiu repetia baixinho, o que em tempo dissera: — Fortunas não são para os pobres...

Natal — 1935.

H. F.

SAÚDE DO CONCELHO

Briteiros (S. Salvador) - 18.

— COMO estás tão triste, mãzinha; quem foi que te fez mal?

— Não é nada, meu filhinho; não sabes que dia é hoje?

É a véspera do Natal, da ceia da consoada, a Festa da Família, vésperas do Dia mais santo e mais feliz do calendário católico, da nossa religião.

Foi no dia 25 de Dezembro, há mil novecentos e trinta e cinco anos, que nasceu o Messias, o Redemptor, Deus... que veio à terra feito homem para nos salvar.

Nasceu em Bethlem numas palhinhas humildes duma mangedoura, abrigada em humilde cabana. É Nosso Senhor, é Jesus Cristo que tu aprendeste a amar e a adorar, é Aquele que nos guia, que nos dá vida e saúde, que nos consola, nos salva a alma e nos redime os pecados.

Para mais, meu filho foi neste dia que tu nasceste, que tu abriste esses olhos à luz deste mundo tam hipócrita e tam perverso; mas, faz-te homem, sofre e sê bom, segue pelo caminho direito, e Deus te ajudará e manterá a honra da tua família, a tradição dos teus maiores.

Estou triste, sim, meu filho e não te admires disso, porque penso no teu pai que já não vive, porque Deus chamou-o à sua divina presença.

A sua alma impregnada de bondade e amor, está a contá-las com o Jesus, e pede por ti lá no céu. Segue como ele o bom caminho, faz-te assim um homem, ama os teus, a tua terra, a tua Pátria, como ele amava a sua querida terra — Guimarães. Cheio de amor por Ela, era vê-lo idealizar projectos, cantar e admirar as suas belezas naturais, panorâmicas e históricas, elogiando a sua indústria e chamando-lhe a *Manchester Portuguesa*.

Dizia ele, meu filho, que foi aqui que nasceu o nosso Primeiro Rei — Afonso Henriques — e que todos os portugueses deveriam vir ajoelhar no altar da Pátria o nosso velho castelo, onde nasceu esse Rei Conquistador, fundador da Nacionalidade, essa figura tam grande que enche o início da nossa História, e que tu admiras na sua estátua de bronze ali no Toural, do grande escultor Soares dos Reis.

Ah! Mas como éie se revoltava, às vezes, contra os homens que nos administravam, sim, porque nós temos pessoas que são escolhidas entre as mais inteligentes e activas, para nos governar, nos reger, para aplicar os nossos dinheiros, que são as contribuições, uns impostos que todos os que têm qualquer cousa, negócio ou indústria, etc.; são obrigados a pagar, e é assim como nos Estados, as Câmaras — podem fazer obras, estradas, portos de mar, navios, aviões, material de guerra, manter um exército, a guarda, a polícia, tudo isto que tu vês, meu filho, e que precisas também de saber e aprender.

Pois teu pai, às vezes, nessas horas de crise nervosa e desalentadora protestava e barafustava dizendo não haver direito de uma cidade tam antiga e com tanto valor histórico, uma cidade essencialmente industrial, e que tanto pagava para esses tais senhores que te expliquei, fôsse tam desprezada, e que a despojassem dos seus valores, em lugar de a engrandecerem de a elevar mais, de a tornar tam conhecida e respeitada como o próprio Portugal.

E queixava-se também muito dos próprios contreraneos; sabes quem são? São aqueles senhores que nasceram na mesma terra onde tu nasceste, portanto, Guimarães; és tu, meu filho, um vimaranense, e oxalá amanhã saibas aplicar bem esse nome, saibas usar

Oferta — Festas do Natal — O Ex.^{mo} Sr. António Cândido de Lemos horticultor, da Rua da Saúde, 2-A, 3.º-D. — Lisboa, ofereceu mais uma colecção de sementes nacionais e estrangeiras, para horta e jardim, da Escola Mixta local, o que aqui lhe agradecemos em nome das criancinhas e respectiva Professora.

— Na vizinha povoação de Caldas das Taipas, prepara se, actualmente, com todo o afan e entusiasmo, a peça «Presépio», para ser levada à cena no Cine-Teatro-Taipense, nas próximas festas do Natal, e a cujo ensaio tivemos ocasião de assistir, ontem, constatando o adiantamento no bom desempenho dos diferentes papéis, pelo que auguramos uma colossal enchente em todos os dias de recitação ainda o entusiasmo que reina naquela povoação e circunvizinhas.

O seu organizador é o nosso amigo e Ex.^{mo} Sr. Manuel José Pereira, digníssimo professor, reformado pelo limite de idade, a quem a instrução nas Taipas muito deve, como os seus ex-alunos e contreraneos tiveram ocasião de lhe manifestar ainda há bem pouco tempo, e que, não obstante a sua idade, aparenta um rapaz novo, na pujança da juventude, tal ainda a sua acção, o seu vigor e entusiasmo para tudo quanto diga respeito a instruir, educar e moralizar a juventude, vivendo no meio desta e fazendo-a viver horas alegres e bem felizes, cuja lembrança já mais se apagará nos corações moços!

O produto destas recitas revertirá em benefício da Banda de Música Taipense, a cujo corpo pertence, bem como seu genro, sargento músico e hábil regente da mesma.

As recitas, que se repetirão em todos os domingos e dias santos do Natal, serão abrilhantadas pela Banda local.

Ao Ex.^{mo} Sr. professor Manuel José Pereira, bem como a seu digno genro, tam felizes no empreendimento, as nossas saudações!

A eles, aos que na peça colaboram, aos nossos colegas correspondentes do *Noticias de Guimarães*, bem como à Direcção, Corpo Redactorial e leitores:

Muito Boas-Festas! — C.

JESUS MENINO, AMOR DIVINO

(A José Barreira Coelho. Recordando a morte de seu filhinho Armando Jorge).

Quando Vos vejo meu Deus, Meu Jesus, em pequenino, Recordais-me o meu filhinho Que voltou para os Céus.

Quando a Virgem Vos tem Ao colo, em pequenino, Faz-me lembrar meu menino Ao colo de sua mãe.

Eu José sou... e até Meu filho no colo almejo, Quando risonho Vos vejo Ao colo de S. José.

Se com os doutores falais — Como as aves cicciando, Como elas saltitando —, Até assim m'o lembrais.

Quando Vos vejo sofrer, Agonizante na Cruz, Relembrais-me, meu Jesus Sua agonía ao morrer.

Meu Deus que tanto sofrestes Por amor à humanidade, E pela sacra Verdade Tantos paixões padecestes.

Eu Vos rogo que jamais Morrer filhinhos deixeis, Pois por Vossos Pais saibeis A dor saúdosa dos pais!

CARLOS DE ANDRADE.

Se deseja calçado, veja o que a SAPATARIA LUSO

lhe indica como novidade

bem este nome, pois o ser filho assim duma terra tam nobre e tam laboriosa é uma honra, que nem a todos os portugueses, é dado caber.

Prometes então meu filho, que cumprirás o que te expus — e alguma cousa já aprendeste — dando-me assim algum alívio à dor, à saúlade que me punge a alma, e me aperta o coração, esta dor enorme da saúlade por aquele que partiu para não mais voltar.

— Não chore minha mãzinha, que eu sou muito seu amiguinho, e serei um homem assim grande como quer para a ajudar; e pela minha terra tam nobre, serei amanhã, no futuro, um defensor, da sua causa e das suas virtudes.

— Obrigado, filhinho, Deus será sempre contigo.

A. M.

Loja das Camisas

aos seus estimados clientes deseja FESTAS FELIZES.

Interesses de Guimarães

Publicamos hoje a cópia da representação que há dias foi entregue, como noticiamos, ao sr. administrador, pela C. A. das Juntas de freguesia da cidade.

Ex.^{mo} sr. Administrador do Concelho:

As Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia da Cidade, interpretando o sentir e queixumes das classes laboriosas e Colectividades vimaranenses, vêm mui repetidamente junto de V. Ex.^a como primeira e digna Autoridade do Concelho e, ainda, como muito digno membro da Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, expor as necessidades que julgam mais urgentes ao progresso económico, moral e social de uma cidade inteira, que, de há muitos anos, tem estado em completo mausmo e abandono, não só por parte das várias Vereações Municipais que têm passado pelas cadeiras da Câmara Municipal, mas, também, por parte dos Poderes Centrais.

Nunca é de mais repetir a nota tantas vezes já ferida na imprensa local, de que sendo a nossa cidade uma das primeiras do Distrito esta se encontra num estado verdadeiramente lastimável, parecendo-nos que os *hominis bons* desapareceram ou morreram, cavando-se mais fundo a ruína do seu progresso e da sua vida económica, talvez mais por incúria do que por menos amor e baírrismo do seu modo de ser vimaranenses!

Excelentíssimo Senhor:

Muitas são, pois, as necessidades da nossa Terra, mas as mais urgentes, até agora, aquelas que mais se fazem sentir, são as que, com muito respeito, sim, mas também com aquela liberdade reconhecida e mantida pela recente Constituição da República às Autarquias populares, passamos a expor:

Unidade militar — Anunciada, como se diz, para breve, uma nova Reorganização do Exército, entendemos que é ocasião mais que oportuna para, junto dos Poderes Públicos, pedir com respeito, mas com firmeza de querer, a colocação em Guimarães de uma Unidade Militar tantas vezes prometida, mas infelizmente sem viabilidade. A permanência de uma Instituição Militar numa terra como a nossa, importa um maior desenvolvimento para o seu comércio e para a sua indústria, não contando ainda com o factor moral, muito importantíssimo, para o seu movimento cidadão.

Liceu Martins Sarmiento — Outra necessidade imperiosa, que interessa sobremaneira à cidade e concelho de Guimarães é, também aos povos dos concelhos vizinhos, pois, a manter-se como está afecta a vida económica dos chefes de família. Sabe V. Ex.^a muito bem que o nosso Liceu de Martins Sarmiento, de gloriosas e nobilíssimas tradições académicas, foi de sempre um estabelecimento de ensino perfeito e modelar, como o provam sobejamente as muitas capacidades intelectuais, morais e espirituais que por ele têm passado, muitas das quais hão prestado e continuam prestando altíssimos serviços à Nação. Elevar à categoria de Central o nosso Liceu, é um elementar dever de justiça, pois não está certo que um concelho inteiro, com uma regular frequência liceal, a veja forçada a deslocar-se para outras terras, sobrecarregando desta maneira quem deseja dar a seus filhos um curso completo. Demais, acresce ainda, a favor desta nossa petição a circunstância do Liceu de Martins Sarmiento manter há poucos anos ainda igual categoria.

Estradas do Concelho — É também um caso de máxima importância que requiere todo o carinho e auxílio, pois sabido é que de todas as estradas que ligam o concelho de Guimarães às do nosso Distrito, como também a outras do Distrito do Porto, são as que mais se encontram em piores condições de trânsito, principalmente na estação das chuvas, tornando-se, por vezes, diffíceis senão perigosas à viação. Julgamos que a Ex.^{ma} Comissão Administrativa Municipal se impõe o dever de chamar a atenção das Entidades competentes para tam inadivél como momentos problema.

Luz eléctrica — A bem do interesse, segurança e bem estar dos municípios, urge seja dada uma nova feição moderna na instalação da rede urbana, alargando-se mais os seus benefícios por aquelas ruas e largos que hoje carecem de ser melhor ilu-

AO SOM DOS SINOS

O sino tange, repica e canta. E' quasi meia noite. A missa do galo aproxima-se e o sino cheio de alegria parece dizer na sua voz de bronze:

Vinde, Vinde todos, que nem um só deixe de assistir ao sacrificio bendito que relembra o maior, o mais doce e sublime de todos os milagres que jamais se deram e darão ainda que o mundo dure milhões de vezes o que já viveu.

Pela rua do velho burgo sôam tamancos, e alguns apressados. São os que desejam os melhores lugares.

Há vozes que chamam, risos abafados, gargalhadas francas, emfim o sussurro indicador de grande animação.

Os homens abafam-se nos seus capotes, as mulheres nos amplos chales e algumas cobrem a cabeça. São quasi todos gente do campo, das aldeias circunvizinhas. Os da cidade vão também, mas em menor número.



Excelentíssimo Senhor:

Estas são, em resumo, as breves considerações que nos sugere as necessidades presentes da nossa querida Terra; outras mais nos permitiríamos fazer, mas, na hora actual, entendemos não ir mais além do que se pede, esperando as Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia da Cidade da boa vontade, acção e energia de V. Ex.^a e de todos os seus Ex.^{mos} Colegas na Câmara Municipal para atenderem a exposição que, com o mais alto respeito e consideração, vimos trazer perante V. Ex.^a

A bem da nação.

Guimarães, 16 de Dezembro de 1935.

(Seguem as assinaturas).

RESINAGEM DE PINHEIROS

Aviso aos Srs. proprietários do Concelho de Guimarães

A Companhia Industrial Resineira, com sede no Porto, proprietária de importantes fábricas do Norte e Sul do País, pretende alugar, desde já, pinhais para a extracção de resina (gêma) pelo método francês, para o que dispõe de pessoal competente, nas freguesias do concelho de Guimarães. Aceita pessoas de probidade e activas para trabalhar à comissão nas respectivas áreas.

O Encarregado Regional — António Teixeira da Mota Júnior, Fafe.

avó segue silenciosa de olhos alheados como quem escuta uma voz interior.

E assim é. A boa velhinhe vai relembando. E' que foi em uma noite igual àquela, em que os sinos tocavam para a missa do galo, que o seu Manel, o mocetão mais galhardo do lugar, lhe dissera palavras de casamento.

Que doçura a dessa recordação e que lindo fôra esse Natal!

A vida não lhe reservara o mais duro quinhão. Casara, fôra feliz. Deus dera-lhe dois filhos belos e robustos, que eram agora os pais dos netos que a acompanhavam.

E' certo que a vida nem sempre fôra doce. Tiveram de trabalhar, de lutar muito, mas que importava isso? Nunca se arrependera.

Quando se tem um abrigo, o amparo de um braço forte e de um coração amante, quasi não custa labutar.

Mas, cousa estranha! Nunca, tantos Natais já passara, nunca recordara com tamanha insistência a hora bendita em que tratara a sua boda.

Efeitos da velhice, pensava ela, pois já lá vão quarenta e cinco anos...

Todas iam correndo, só elles não tinham pressa de chegar. A noite arrefecia cada vez mais. Na atmosfera pairava um fluido de ternura, de paz e de amor.

E a velhinha, de olhos no passado, era feliz, decerto. Despertou-a a neta pousando docemente a mão morena sobre a sua mão enrugada.

Avózinha, murmurou presa de um doce enleio: eu e o Tónio queríamos-lhe falar.

Que há? Inquiriu surpreendida.

E' que, murmurou a neta em voz mal firme; eu e o Tónio queremos-nos casar e queremos que a avó falasse à mãi. Não é? — Disse enterpeitando o rapaz.

E o mocetão, tam côrdo como a rapariga, certficou, batendo de rijo com o grosso marmeleiro nas pedras da calçada.

— E' verdade, senhora avó; e diga a minha tia que lhe juro de fazer a filha feliz; quero-lhe mais que às meninas dos meus olhos.

E a velhinha num sorriso doce. — Deus vos abençoe... E, em voz molhada de lágrimas, ficou-se murmurando: Como eu... exactamente, como eu...

E os sinos soltavam as últimas notas.

E a boa avó, agora sorridente, murmurava ainda: — Por isso os sinos me falavam de boas...

Natal — 1935.

ZITA DE PORTUGAL.

OS NOSSOS POBRES



Há um ano, em frente aos nossos escritórios os pobrezinhos aguardavam as esmolas do Natal.

Hoje voltam a abrir-se as nossas portas e os pobrezinhos a quem tanto queremos voltarão a receber os donativos que os nossos generosos leitores nos confiaram.

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. E' esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobretudos feitos, desde 60\$00. Não façam as

UM CAVAQUEADOR De Guimarães e dos homens

DE DILIGENCIA

(Continuação da 3.ª página)

ageitar os cavalos na subida, a luz da lanterna dança a sarabanda e os guarda-chuvas dos passageiros dos bancos de fora, os melhores lugares, meu senhor, escorrem piedosamente pelas costas dos vizinhos, — se o não adivinhou perspicazmente, que eu «ande a estudos» encarcerado meia dúzia de anos num colégio «à moda antiga», com bons professores e com detestabilíssimos traga-moiros de humanidades e «introdução às ciências naturais», muita reza e devoção, comida ao acaso das variações financeiras e do «coração» do cozinheiro, tempestades de pancadaria, e bonança de festas grandes e arraiais.

«Lá fui hoje encontrar, numa gaveta, suavíssimos retalhos dos meus devaneios, para ali traduzidos em férias, e guardados como tesouro de idealismo lacrimojante e de enfasiada pieguice. Não passaram muitos anos, embora o pareça pela máscara da caveira, mas nem séculos chegariam, segundo o que li na «História Universal», para tam formidável distanciamento de meio — do meio próprio, do meu ser vivo de hoje — ante o meu cadáver de ontem, para essa tam completa e assombrosa transformação: de «ser» até «inanimado». Mas, note, se algum fio desta perlença se lhe atém ao ouvido, de que me encontrei e não me desconheci — mas espantei-me, na mais trágica dor que pode assolar o coração de um homem, e arrefeci. E emquanto suava esta agonia, ao mesmo tempo enlevado com o «recordar», feria-me o espírito a ideia de que o homem nunca é o mesmo homem, que há transformações, mortes, aleluias, novas mortes, e novas vidas, em cada um de nós, de que não damos conta — menos os outros porque não lhes dá sequer anúncio o periódico, na solenidade do baptismo... ou o entêrrer.

«Fechei a porta do quarto, meu senhor, ainda meio tonto, julgando encontrar o cão de guarda à minha espera, bem decidido, palavra, a nunca mais tentar a experiência, com aquela passagem do P.º António Vieira do «pó levantado e do pó caído» a zumbir-me aos ouvidos, como o vento nos vai fustigando nesta enganosa corrente de descer à própria sepultura.

«Porque eu tentei as mesmas investigações da «era primitiva» da mocidade: a um ligeiro filtramento de sol, ao despontar o dia, ouvi gorgear os passarinhos, sons amarelados e rodopiantes como essas folhas agora levadas sem destino; contemplei o horizonte, que se abertava de encontro ao meu coração; espreitei da janela as raparigas — mais graciosas, mais leves, de uma encantadora feminilidade, que eu nunca verei mulheres — e velhas as novas do meu tempo, vergadas ao fardo, ainda alumando-lhes bem tristemente no olhar, porque era manhã

As Juntas de Freguesia batem-se pelo Progresso de Guimarães

Soubemos da atitude bairrista e enérgica das Juntas de Freguesia ante a inutilidade erudita e passividade enjoativa daqueles que não têm sabido defender os interesses de Guimarães e supõem poder transformar uma cidade, cheia de vida e recursos, numa estante de museu onde nós — os vimarenenses — seríamos as «múmiás» em exposição.

— Basta! — bradam os homens das Juntas de Freguesia.

Daqui secundamos esse grito e daqui aplaudimos com entusiasmo a levantada atitude tomada.

Guimarães quer acompanhar as outras terras do País na senda do Progresso, quer viver a vida a que tem direito, quer água, quer luz, quer higiene, quer habitações para os operários, quer a vida, quer a beleza, não quer cenografia, não quer pintura de fachadas, não quer erudições balofas, não quer velharias baifentas.

Homens das Juntas das Freguesias, daqui vos saudamos, daqui vos afirmamos a nossa solidariedade em defesa de Guimarães!

A Associação Comercial

Também a Associação Comercial começa a comover-se ante a onde de indiferença que ameaça submergir Guimarães.

Será mais um esporão que se ergue contra a maré alta da estultícia letrada que ia fazendo de Guimarães um vasadouro para... as suas ondas.

Novo jornal

Anuncia-se a saída dum novo jornal local para os princípios do ano que vem.

Bemvindo o colega, se vier. Será mais um elemento a contar em prol de Guimarães, talvez uma fonte de verdade onde a verdade possamos ir beber.

Folhetim

O nosso prezado colega *Comércio de Guimarães* iniciou a publicação dum novo folhetim.

O enredo é interessante, mas não tem o condão de nos comover.

Possivelmente a nossa sensibilidade já esteja embotada. Se nem já o *Amor de Perdido* consegue arrancar-nos a lágrima, quanto mais o *Amor de Salvação!*

NATAL!...

Dia de festa, e tristeza; Lindo como a Natureza Se o Sol do Amor nos assiste!... Negro, frio e funéreo Se esta vida é um calvário Ao luar dum coração triste!...

Quando eu via um mundo em flor Ignorava a triste Dor Que por este mundo existe!... — Lares, sem lume e sem pão, Quanto pobre coração Neste dia não resiste!...

Natal!... Nome alegre e triste!... Festa!... Quando nos sorriste C'o aquele aroma divino Que se aspira em criança!... Triste na doce lembrança Do que fomos em menino!

Porto, 1935.

FREITAS SOARES.

de uma noite de festa, uma esperança... de saúde.

«Vejo que vai descer. Boa noite, senhor. A tempo se salva do impertinente companheiro: a lição desta singela aventura, que não tem prestança alguma, cá a vou eu comigo entretendo, sôzinho, sôzinho do meu cadáver de ontem, em que, heréticas, minhas loucas mãos rocei.

EDUARDO D'ALMEIDA.

FOOT-BALL

O Vitória no campeonato

A sua acção, a sua técnica e o seu valor

A calma paira já nos ânimos e trâmites da conquista do título máximo do foot-ball regional, são uma lembrança, que permite objectivamente analisar e conscienciosamente rever, a acção do Vitória Sport Club no campeonato do distrito.

E' o Vitória Sport Club, uma agremiação de relêvo no meio vimarenense, como qualquer colectividade congénere no meio respectivo aonde vive. As manifestações desportivas, despertam um interesse extraordinário, reunindo em volta dos Clubes uma quantidade de admiradores, criando assim uma força que se impõe e se é obrigado a reconhecer e considerar. O Desporto, arrasta atrás de si multidões de apaixonados, que em defesa dos seus ídolos leva quantas vezes a exageros condenáveis, originando atritos bairristas, questões graves, e, até implicar irrisoriamente com os sentimentos nacionalistas dum povo. Lembra a todos a derrota da selecção portuguesa em Madrid, no campo de Chamartin, por 9 bolas a 1, classificada por bastantes — entre eles alguns de valor destacado no meio intelectual do país — como um desastre nacional!.

O segundo encontro Portugal-Espanha, depois desse desaire, realizado no Estádio de Lisboa, foi disputado como diziam os jornais madrilenos, num meio «excessivamente exaltado de fé nacionalista», como se as 30.000 pessoas que o presenciaram fôsem trinta milhares de combatentes em fera luta de defesa da Pátria, seriamente ameaçada! Eis porque a necessidade de entrar esta adulteração das noções primaciais do Desporto, evitará complicações graves além daquelas que já tem produzido. A quando o desafio Itália-Inglaterra, sucedido em Londres, de Roma foi enviado aos componentes da «squadra azzurra» um telegrama, que inseria estas duas sintomáticas palavras: «Venecer ou Morrer». E este encontro, decorreu no meio de brutalidades sem conta, como dèle pendesse a honra e a dignidade dum país! Tudo isto é preciso terminar, fazendo compreender que os jogos desportivos são combatentes leais e honrosos, criadores de homens fortes, sadios e robustos, e que os seus resultados, quer triunfantes quer desairosos, mal algum trazem às terras, às cidades e à Nação.

Nesta parcela pequena, mas atingida também por o mal que afflige o foot-ball, analisar a acção dum *equipe*, apontar erros ou falhas, elogiar este ou aquêle, é despertar paixões nos seus apañiguados e a crítica compreendida como inconsistente e faciosa.

Não nos move acinte de qualquer forma a este grupo ou aquele jogador, mas pretendemos sem louros nem louvaminhas, à luz dum lógica que os factos demonstraram, aclarar defeitos, visar imperfeições, tendo, emfim, o ensejo de incitar desta maneira à perfeição, ao apuro dum valor maior, dum classe superior que dignifique o Clube e o foot-ball vimarenense.

A acção do Vitória no campeonato de foot-ball distrital, não foi de moide a merecer da critica elogios calorosos, porque o resultado final não satisfz plenamente as esperanças nêle depositadas. Atirado para o segundo lugar da classificação geral, em consequência da sua actuação variável, outro não podia ser, porque entre o vencedor e o segundo classificado, existe uma diferença de valor, que é justo destacar.

Os resultados gerais obtidos mostram claramente essa diferença, como nos ilucida o gráfico dos resultados:

V. D. E. GOALS. P.

	V.	D.	E.	G.	P.
Sporting C. de Braga	10	1	0	35	9 28
Vitória Sport Clube	9	1	1	51	12 27

O Sporting alcançou 55 bolas a favor e consentiu 9. O Vitória alcançou 51 e consentiu 12. Esta diferença, demonstra sufi-

cientemente que o vencedor possui um conjunto melhor e um poder atacante mais valoroso. A esta diferença, o Vitória opõe um valor melhor individual, mas que, para o foot-ball de hoje, não é suficiente e o triunfo premia sempre o possuidor dum onze mais homogêneo, portanto, mais eficiente e poderoso.

Para apreciarmos o contraste de valor individual dos dois primeiros classificados, organizamos a tabela seguinte, atribuindo a cada componente um valor em números, tendo por máximo o número 20:

Vitória:	
Ricoca, 18 valores	18
Jaime, 18 e A. Augusto, 17	35
Laureta, 17; Zeferrino, 18 e Lima, 17	52
Bravo, 18; Virgílio, 15; Clemente, 18; J. Jesus, 18 e Constantino, 14	83
Técnica	18
Total	206

Sporting:	
Lima, 17 valores	17
Cunha I, 17 e Salomé, 17	34
Sá Campos, 16; Tamanqueiro, 19 e Silvino, 16	51
Cunha II, 16; Muchacho, 18; Gonçalves, 18; Mica, 17 e Argentino, 16	85
Técnica	20
Total	207

Esplanando melhor, para justificar a valorização que atribuímos; vemos:

Ricoca foi superior a Lima. Jaime e A. Augusto foram em conjunto superiores à parêlha Cunha I e Salomé. Jaime, no seu lugar, é o melhor defensor que actuou no campeonato. Alberto Augusto é atraído pelo seus vastos conhecimentos, pela dificuldade de movimento; classificando-o por isso em igualdade com os defesas sportinguistas, iguais também em valor.

Laureta é superior a Silvino. Zeferrino, é inferior a Tamanqueiro, ainda um grande jogador, com larga prática e fôlego resistente; Zeferrino, tem sobre o *half-centro* dos vermelhos a mocidade e um valor a desenvolver-se. Demos a Tamanqueiro por isso a maior classificação individual. Lima é melhor jogador que Sá Campos.

Bravo é de longe superior a Argentino. Virgílio, inferior a Mica. Entre estes dois jogadores vistos na condução de jogadas idénticas, o valor é igual; mas Virgílio em frente das redes, inferioriza-se muito, é um péssimo chutador; enquanto Mica, o seu poder de marcar é nitidamente maior. Gonçalves, tem mais técnica do que Clemente, mas este jogador é-lhe superior; em pontapé, em impetuosidade e físico. Clemente em frente das redes é mais perigoso do que Gonçalves, e no foot-ball é uma vantagem notável. Dando-lhes o mesmo valor o equilíbrio accentua-se.

J. Jesus é ligeiramente superior a Muchacho, mas presentemente igualam-se, devido à lesão que João Jesus sofre num joelho, impedindo-lhe os movimentos; inferiorizando-o. Cunha II é superior a Constantino, porque este jogador está em manifesta decadência.

O Vitória, soma portanto 188 valores, contra 187 do Sporting. Adicionando-lhes o valor atribuído à técnica correspondente, o Vitória, totaliza somente 206 e o Sporting 207 valores.

A diferença dum valor provém da diferença técnica existente entre estes dois melhores agrupamentos do distrito de Braga, cujas características vamos apreciar condignamente:

Sobre a técnica do Vitória, já, diversas vezes nas colunas deste semanário, em relatos de jogo a ela nos temos referido, apontando-lhe deficiências que julgamos convenientes, e hoje vamos mais detalhadamente esmiçar.

Uma linha avançada do grupo desta cidade, não tem aquela coesão isocrona para se impor, nem os seus homens combinam ainda com a perfeição exigida a uma *equipe* que deseja fixar uma classe. Ao ataque

fracionam-se e perdem-se em passagens sucessivas e morosas, permitindo que o adversário organize e reforce a defesa; ocupando os lugares mais frágeis, tornando mais custoso o avanço. Não se procura bater por improviso a defesa adversária, desnordeá-la com a rapidez das jogadas e impedir assim a sua organização imediata. Demorar a bola nos pés é tornar mais problemático o resultado do ataque e tornar mais difícil a sua execução. Temos assistido muitas vezes a este caso:

O terreno dos alvi-negros é atacado pelo adversário e a defesa dos atacantes achegada ao meio do terreno. Os três avançados, centro e pontas dos atacados, ocupam o lugar devido junto da defesa contrária. A bola interceptada por os *backs* do Vitória é atirado ao avançado centro, que, em vez de lhe dar imediato seguimento com um passe em profundidade e correr a receber o centro respectivo dum dos extremos, e, em velocidade caminhar ao *goal*, espera mais das vezes que os interiores venham ocupar os lugares, para em massa atacar. A demora origina que a meia defesa corra também a defender o seu terreno e o bom termo da avançada perigosa chega até a desaparecer.

Na grande área, pelo abuso do passe a aglomeração em frente das redes impede o remate oportuno. As desmarcações não tem ainda a precisão exacta que dá a consciência do que se está a fazer, decaindo por isso na confusão e embrulhada, aonde a bola se perde sem atinar com o caminho das redes. Os extremos necessitam saber que o centro é uma passagem e que o esférico deve sair dos seus pés controlado, com a força precisa, para alcançar o companheiro da *equipe* melhor colocado para o remate ou dar seguimento à passagem, sem ser obrigado a perder tempo a dominar e a travar a velocidade excessiva da bola. Os *corners*, são mal executados e nada tem produzido, como por exemplo no jogo com o Gil Vicente, em que a defesa deste grupo originou onze pontapés de canto sem nenhum dèles ter dado um *goal*! Sobre a marcação destas penalidades, as opiniões dividem-se sobre as suas duas maneiras de o conseguir. Nós vamos pela forma de a bola ser atirada para a altura do sitio do *penalty*, aonde os jogadores a devem receber e tentar por *chute* o *goal*. Obrigamos assim a uma dispersão de homens, enquanto a marcação para perto da balisa, origina uma aglomeração em frente das redes o *goal* mais difícil de tentar.

Os médios, abusam do passe entre si, atrasando inutilmente as avançadas. Este compartimento da *equipe* é o melhor e pouco falta para atingir o nível superior que tem jús. A defesa é conscienciosa e sabe-dora e a crítica é unisona em reconhecer o seu valor e o seu poderio.

A *equipe* do Campeão do Distrito, é melhor em técnica e em conjunto. A meio do campo o seu jogo é igual ao do segundo classificado, mas dentro da grande área é superior; mais rápido, mais cruzado em passagens, fugindo à confusão, originando maior perigo e redobrar de cuidados a defesa contrária. Possui três homens — o trio avançado — que chutam e sabem desmarcarem-se bem e com intuição. Os extremos, todavia mais fracos, não desmancham a linha. Os médios, — principalmente o centro, destaca-se mormente sobre todos. E' o cérebro do *team* e o fulcro do seu valor. Os laterais valem muito menos. A defesa e a guarda redes, embora sejam a parte mais fraca do grupo, estão bem integradas na sua técnica, cumprindo a satisfazer.

E' pois facilmente comprovável, fazendo um apanhado geral para confronto. A vantagem do Sporting no ataque é maior que a do Vitória; sobrepunando este, o grupo campeão, na defesa. «Com uma boa defesa a *equipe* tende para a vitória», diz Cândido de Oliveira, no seu livro o *Foot-ball*. E o empate neste campeonato persistiu sempre, até ao inesperado resultado de Fafe!

Para terminar este estudo sobre a acção do Vitória no último campeonato, vamos apreciar a acção própria de cada um dos seus jogadores:

Ricoca tornou a ser aquele guarda-redes que causou admiração.

Tivemos sempre esperança nas suas excepcionais facultades a quando do último abaixamento de forma, que sofreu.

Jaime foi um grande defensor e deve cuidar sempre em aperfeiçoar as suas passagens para, impecavelmente, as colocar nos pés do companheiro da linha avançada melhor situado.

A. Augusto já dèle dissemos o suficiente. Foi um capitão do grupo que soube dirigir os seus homens com inteligência e disciplina.

Laureta cumpriu bem, teve por vezes más partidas, que mereceram reparos da critica.

Zeferrino foi um grande elemento, supriu muitas vezes erros de colocação, com o seu espirito batalhador e incansável. Lima progrediu imenso desde que defende as cores alvi-negras.

Este jogador merece umas referências especiais.

Assistimos a um treino do grupo, e no final, foi o único (!) que fez uma sessão de ginástica precedida da clássica volta ao campo. A isso deve a sua acção no campeonato não ser variável e tornar-se admirada.

Bravo foi um grande jogador e não deve por isso deixar de treinar com cuidado para o seu pontapé ter mais direcção. Virgílio, já a èle nos referimos suficientemente. Clemente foi um grande chutador; só à sua parte marcou 19 bolas.

Tem dèlitos e a èles se devem, mais das vezes, os erros de técnica que toda a linha avançada teve. Desmarca-se mal e as suas passagens perdem-se geralmente por mal feitas. J. Jesus é inteligente a jogar e também um bom marcador. As suas bolas brilham pela colocação e pena é que a sua acção seja ofuscada por momentos de indolência — mal que atinge também Clemente. Foi a seguir ao avançado centro o segundo maior chutador. Marcou 17 bolas. Constantino é pouco mais fraco do *team*, pela sua notoria baixa de forma.

Jogaram também neste campeonato em substituição dos titulares: — «28», a meia esquerda, cumpriu a agradar e fez encontros em que brilhou. Traia-o o seu físico e o seu joelho doente. Faria, a extremo direito; o médio empanou em ocasiões o seu jogo de disputa da bola, permitindo que o adversário — mesmo inferior — levasse a melhor.

Era nosso desejo que esta critica, longe de desmerecer a acção de relêvo que o Vitória teve no decorrer do campeonato regional, servisse de estímulo para conseguir um lugar honroso no campeonato das Ligas, ai à porta.

Estamos certos, o Vitória fará todos os esforços para a conquista de uma posição que o eleve, para prestígio do seu nome e glória do *foot-ball* minhoto.

ALMEIDA FERREIRA.

Sociedade em nome colectivo «LEITE & GUIMARÃIS»

Com séde nesta cidade

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 11 de Outubro do corrente ano, lavrada pelo notário desta comarca de Guimarães, licenciado Manuel de Freitas Bravo de Faria, foi dissolvida a referida sociedade.

Que em liquidação da mesma foi estipulado e aceite pelos ex-sócios o seguinte:

Ao ex-sócio Joaquim de Oliveira Guimarães fica pertencendo exclusivamente todo o activo da sociedade, em que se inclui o direito ao arrendamento do local do estabelecimento social que se achava instalado nas lojas dos prédios sitos na rua de Santo António, desta cidade, com os números de policia, 110 e 118. Ao mesmo ex-sócio Joaquim de Oliveira Guimarães fica a inteira, completa e absoluta responsabilidade e obrigação de todo o passivo. Que entre os ex-sócios Joaquim de Oliveira Guimarães e Manuel da Silva Leite se acham liquidadas e saldadas todas as contas sociais.

Guimarães, 15 de Outubro de 1935.

O Notário,

Manuel de Freitas Bravo de Faria.

MOBILIZAÇÃO EM GUIMARÃIS

Nada de sustos! É a **Loja do Benjamim** que decreta a todo o público, para valer como lei, a Mobilização das suas economias, conseguindo um lugar de honra nesta casa.

Honra e proveito — Artigos garantidos a preços sem concorrência.

A LOJA DO BENJAMIM — Toural, 105 — Telefone 64

Recomenda-se:

Pelo seu grande sortido. Por ser a casa que mais barato vende e que melhor sortida tem. Pela seriedade nos seus negócios.

Finalmente:

Por ser a casa que tem a preferência de todo o público que procura comprar barato, bons artigos e bom sortido.

RECORDAMOS ALGUNS ARTIGOS DO JOSSO SORTIDO

Malhas, Fazendas de lã, Fazendas brancas, Peles, Peluches, Chales, Cobertores, Lenços, Meias, Panos brancos, Popelines, Sêdas, Sombrinhas, Carteiras, Bolsas e Miudazas. Papéis pintados e Vitragens para forrar casas e janelas.

PREÇOS DA FÁBRICA

DA CIDADE

Baptizado

Na Igreja paroquial de S. Sebastião, foi solenemente baptizada uma filhinha do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado e de sua esposa a sr.^{ma} D. Felícia Gomes de Castro Machado, que recebeu o nome de Otelinda. Foram padrinhos o nosso prezado amigo sr. Aprijo Neves de Castro e sua esposa a sr.^{ma} D. Otelinda Cândida da Cunha e Castro, tios paternos da recém-fita. Parabéns.

Orfeão de Guimarães

Com a assistência de todos os componentes daquele grupo coral vimaranes, realizou-se, na segunda feira dia 16, à noite, a sessão de posse dos novos corpos gerentes da novel instituição, tendo aquele acto decorrido com muito entusiasmo.

Pronunciaram-se breves mas calorosos discursos e, no final, foram cantadas algumas lindas canções em ensaio.

Pela Câmara

Sessão de 12

A C. A. deliberou: autorizar o pagamento de 3.000\$00 à Casa dos pobres; autorizar o pagamento de 200\$00 à mesma Casa, importância gasta para melhorar o jantar dos pobres no dia 1.º de Dezembro; autorizar o subsídio de 200\$00 a 300\$00 à Junta de Freguesia de Nespereira para reparar a Fonte de Devezinha da mesma freguesia; conceder o subsídio de 200\$00 para a Ceia dos Pobres em S. Crispim.

Aprovou o seguinte Regulamento de Invalidez:

Artigo 1.º — Todos os funcionários e assalariados de carácter permanente fora dos quadros oficiais da Reforma, têm direito a um subsídio de invalidez.

Art. 2.º — Para que este subsídio seja concedido, é necessário:

- Contar mais de 15 anos de bom e efectivo serviço;
- Não vencer ordenado ou salário superior a 400\$00 por mês;
- Comprovar a invalidez por atestado da Junta Médica;
- Não ter entrado para o serviço com mais de 35 anos;

§ único. Aos funcionários, actualmente em serviço, considerados inválidos à data da aprovação da proposta, não se aplica a condição da alínea d).

Art. 3.º — A Câmara não concederá subsídio de invalidez, quando se reconheça que o inválido requerente ao subsídio possui bens próprios, rendimentos ou quaisquer meios suficientes para a sua manutenção; ou pessoas de família, ascendentes ou descendentes, capazes de procederem à sua sustentação.

Art. 4.º — Para melhor efectivação deste Regulamento, todos os funcionários ou assalariados nas condições de habilitação ao «subsídio de invalidez» devem ter uma caderneta de trabalho onde lhe seja registado tudo quanto diga respeito à sua inscrição e exercício de serviço.

Art. 5.º — O subsídio de invalidez de que trata o presente Regulamento, será concedido de harmonia com a tabela seguinte:

- Com 15 anos de serviço — 30 p. c. do ordenado ou salário;
- Por cada período de 5 anos, além do mínimo de 15, estabelecido na alínea a) os funcionários ou assalariados, de carácter permanente, de que trata o artigo 1.º, receberão a mais 10 p. c. do ordenado ou salário que venciam, quando em serviço.

Art. 6.º — Para que este subsídio seja concedido, é necessário:

- Contar mais de 15 anos de bom e efectivo serviço;
- Não vencer ordenado ou salário superior a 400\$00 por mês;
- Comprovar a invalidez por atestado da Junta Médica;
- Não ter entrado para o serviço com mais de 35 anos;

§ único. Aos funcionários, actualmente em serviço, considerados inválidos à data da aprovação da proposta, não se aplica a condição da alínea d).

Art. 3.º — A Câmara não concederá subsídio de invalidez, quando se reconheça que o inválido requerente ao subsídio possui bens próprios, rendimentos ou quaisquer meios suficientes para a sua manutenção; ou pessoas de família, ascendentes ou descendentes, capazes de procederem à sua sustentação.

Art. 4.º — Para melhor efectivação deste Regulamento, todos os funcionários ou assalariados nas condições de habilitação ao «subsídio de invalidez» devem ter uma caderneta de trabalho onde lhe seja registado tudo quanto diga respeito à sua inscrição e exercício de serviço.

Art. 5.º — O subsídio de invalidez de que trata o presente Regulamento, será concedido de harmonia com a tabela seguinte:

- Com 15 anos de serviço — 30 p. c. do ordenado ou salário;
- Por cada período de 5 anos, além do mínimo de 15, estabelecido na alínea a) os funcionários ou assalariados, de carácter permanente, de que trata o artigo 1.º, receberão a mais 10 p. c. do ordenado ou salário que venciam, quando em serviço.

Art. 6.º — Para que este subsídio seja concedido, é necessário:

- Contar mais de 15 anos de bom e efectivo serviço;
- Não vencer ordenado ou salário superior a 400\$00 por mês;
- Comprovar a invalidez por atestado da Junta Médica;
- Não ter entrado para o serviço com mais de 35 anos;

§ único. Aos funcionários, actualmente em serviço, considerados inválidos à data da aprovação da proposta, não se aplica a condição da alínea d).

Art. 3.º — A Câmara não concederá subsídio de invalidez, quando se reconheça que o inválido requerente ao subsídio possui bens próprios, rendimentos ou quaisquer meios suficientes para a sua manutenção; ou pessoas de família, ascendentes ou descendentes, capazes de procederem à sua sustentação.

Art. 4.º — Para melhor efectivação deste Regulamento, todos os funcionários ou assalariados nas condições de habilitação ao «subsídio de invalidez» devem ter uma caderneta de trabalho onde lhe seja registado tudo quanto diga respeito à sua inscrição e exercício de serviço.

Art. 5.º — O subsídio de invalidez de que trata o presente Regulamento, será concedido de harmonia com a tabela seguinte:

- Com 15 anos de serviço — 30 p. c. do ordenado ou salário;
- Por cada período de 5 anos, além do mínimo de 15, estabelecido na alínea a) os funcionários ou assalariados, de carácter permanente, de que trata o artigo 1.º, receberão a mais 10 p. c. do ordenado ou salário que venciam, quando em serviço.

Sessão de 19

Em sua sessão de 19 a C. A. procedeu à arrematação de 162 metros quadrados de terreno da viela da Pupa a Roma, desnecessários ao município, sendo arrematante D. Maria de Jesus da Costa Sampaio; e à arrematação de 147 metros quadrados de terreno, na freguesia de Santa Maria de Airão, ao sul da estrada municipal n.º 8, sendo arrematante Joaquim da Silva Cardoso, daquela freguesia. A C. A. resolveu que os tendeiros ambulantes que costumam armar as

suas tendas na Praça do Mercado, as transfiram para o Largo da Misericórdia (Largo Conselheiro João Franco) desta cidade.

— Tomou conhecimento, por comunicação do sr. Administrador do Concelho, do internamento de um louco na Casa de Saúde S. João de Deus, em Barcelos.

— Indeferiu um requerimento dos marchantes de carnes verdes e salgadas, desta cidade, em que pediam para as carnes passarem a pagar \$60 em quilo, fazendo as despesas à sua custa, como antigamente, resolvendo convidar o sr. Inspector de Sanidade Pecuaría a apresentar, com a brevidade possível um projecto de Regulamento dos Matadouros.

Licença para exercício de comércio e indústria

Durante o próximo mês de Janeiro, todas as pessoas que, neste concelho, estão sujeitas ao pagamento de contribuição industrial, são obrigadas a munir-se, na secretaria da Câmara, da respectiva licença para exercício de Comércio e Indústria, referente ao ano de 1936, nos termos do Decreto n.º 18.391, de 28 de Maio de 1930, e mais legislação aplicável.

A falta desta licença implica para o infractor na multa de 100\$00, pela primeira vez, e de 200\$00, em caso de reincidência, sem prejuízo da cobrança da respectiva licença, com os emolumentos, selos e adicionais legalmente constituídos.

Ao poder judicial

A requisição do chefe da Agência da C. G. D. C e P desta cidade, e, sob a acusação de ter feito levantamentos por meio de falsificação de assinatura, foi detido José de Freitas Costa, solteiro, da vila de Fafe, e, por tal motivo, entregue hoje ao poder judicial.

Manifesto de cereais

Chamamos a atenção dos produtores de que o manifesto de cereais termina no fim do corrente mês, após o que serão aplicadas multas.

Falecimento em Monsul

Em Monsul, de onde era natural, faleceu o laureado académico — sr. João Ribeiro Alves Coelho, aluno do Liceu Central de Braga, da Casa da Torre, de Friande, sobrinho de Mgr. João António Ribeiro, digno arcepreste deste concelho, a quem apresentamos, embora tardiamente, os nossos cumprimentos de condolências.

Indicações úteis

Termina no fim do corrente mês a validade das licenças de porta aberta, das tabernas, casas de pasto, hospedarias, cafés, pensões e restaurantes. Necessitam, portanto, de ser renovadas.

— Em Janeiro adquirem-se as licenças de viação e turismo, tabacos, isqueiros e alambiques, e títulos de isenção de imposto de trânsito, pelos animais e veículos destinados a usos exclusivamente agrícolas.

Sociedade

Tem guardado o leito, algo incomodado, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Fernando da Costa Freitas.

— Com sua esposa encontra-se entre nós, a gôzo de férias, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. dr. Gabriel Teixeira de Faria.

— Tem estado em Guimarães a sr.^{ma} D. Hercília Mesquita Ferreira da Silva, filha do sr. José Nascimento Ferreira da Silva, escrivão de Direito em Vila do Conde.

— A passar as festas do Natal já se encontram entre nós vários amigos conterrâneos nossos.

Monumento aos Mortos da Guerra

Parece que está posta de parte a ideia de se erguer junto da Torre de Alfândega o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Campanha da Produção Agrícola

A 2.ª Brigada Técnica propõe-se organizar mais uma vez, um curso

prático de podadores. A inscrição é gratuita e encontra-se aberta no Sindicato Agrícola de Guimarães, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Com vista aos estrangeiros

Todos os estrangeiros, quer sejam menores ou maiores, que residem na área deste concelho, são obrigados a munirem-se de um título de residência, durante o mês de Janeiro próximo, o qual lhes será concedido mediante a apresentação de título de residência que já possuam, ou do cartão profissional na sua nacionalidade, visado pela Polícia Internacional Portuguesa.

Sarau Académico

Realizou-se na quinta-feira, num dos salões do Asilo de Santa Estefânia, desta cidade, o anunciado Sarau Académico, promovido pela Associação Escolar do Liceu de Martina Sarmento, em benefício da sua Caixa.

Fez-se ouvir, sob a hábil direcção do professor distinto sr. Filinto Nina, o Orfeão Académico e, seguidamente, vários alunos e alunas, recitaram monólogos interessantes, interpretaram curiosos diálogos e disseram lindos versos.

A quarta parte do programa foi preenchida pela representação da «Cena do Minho» com bonitos coros dos alunos de 4.ª e 5.ª classes.

Abrihantou o espectáculo a aplaudida Orquestra Portuguesa, do Porto. A assistência foi numerosa e selecta.

Assalto a uma igreja

Um grupo de audaciosos gatinos entraram por meio de arrombamento na Igreja Paroquial de Rendufe, deste concelho, arrombaram o sacrário roubando os vasos sagrados e espalhando as partículas pelo chão. Roubaram ainda outros objectos do culto, tudo no valor de muitas centenas de escudos. Depois foram à residência do pároco e roubaram também 12 galinhas do seu galinheiro, pondo-se em seguida em fuga.

Nicolau Cardoso Guimarães

O nosso conterrâneo sr. Nicolau Cardoso Guimarães, há muitos anos residente no Brasil, onde é importante capitalista, acaba de praticar mais um dos seus muitos actos de benemerência, mandando distribuir por 100 pessoas pobres desta cidade, a avultada quantia de 1.000\$00 e enviando, também, às Oficinas de S. José o generoso donativo de 500\$00.

Este acto é digno do maior louvor, pois aquele vimaranesense, embora muito longe da sua terra natal, não esquece nem os pobrezinhos, a quem anualmente distribue igual donativo, nem as nossas instituições de caridade.

Por alma de seus pais mandou, ainda, o generoso benefactor, celebrar duas missas, as quais se realizaram, com a assistência de pessoas de sua família e amigos no templo da V. O. T. do Carmo, onde estão a realizar-se todos os actos de culto da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, de onde o sr. Nicolau Cardoso Guimarães é natural.

É digno do maior louvor o simpático gesto do nosso querido conterrâneo e amigo que, não esquecendo a alma de seus saudosos pais não esquece, também, os desprotegidos da sorte.

P.º Alberto Gonçalves

Em Lisboa, onde reside há bastante tempo, tem passado ligeiramente incomodado este nosso querido amigo e illustre colaborador, a quem o *Notícias de Guimarães* deseja pronto restabelecimento.

Albano Pires de Sousa

Mais um acto de benemerência acaba de praticar este nosso querido conterrâneo, residente no Brasil, mandando entregar à Comissão promotora da Consoada dos Pobres no Albergue de S. Crispim a quantia de 500\$00.

Louvamos o gesto altruista daquele nosso amigo que, embora longe da sua terra, se lembra sempre dos desventurados da sorte.

Carreiras de caminhetas

Conforme anúncio que noutra lugar publicamos iniciou o sr. João Carlos Soares, no sábado passado, dia 21, uma carreira diária de caminhetas entre esta cidade e a freguesia de Gonça, com paragem em S. Torcato e outros pontos do concelho.

Trata-se de um importante melhoramento para os povos daquelas freguesias, motivo porque os felicitamos.

João Serafim da Silva Ribeiro

É já na próxima sexta-feira, dia 27, que faz um ano que a morte roubou ao nosso convívio aquele amigo querido, que se chamou João Serafim da Silva Ribeiro.

Sufragando a sua alma manda a família celebrar uma missa, no templo da V. O. T. do Carmo, às 9 horas da manhã daquele dia.

A Festa do Natal e a Casa dos Pobres

A direcção desta benemérita instituição Vimaranesense, resolveu não realizar a Ceia de Consoada, por a mesma ter lugar, por tradição, no Albergue de S. Crispim. Assim oferecerá aos pobrezinhos uma abundante Ceia na noite do dia 31 e um almôço melhorado no dia 1 de Janeiro.

A propósito duma entrevista

Acôrca do Monumento aos Mortos da Grande Guerra e da *maquette* exposta no átrio da Sociedade Martins Sarmento, o Sr. Dr. José Francisco dos Santos veio confirmar o desgozo do público perante a simplicidade do padrão que há-de perpetuar a memória dos que bem mereceram da Pátria e também a glória daquelas «que da lei da morte se vão libertando», aduzindo razões de ordem económica para justificação do projecto apresentado — citando os exíguos 500 escudos do preço da *maquette* e a também exiguidade da verba orçamentada para levar a efeito tal construção.

Ora, como soubemos interpretar o sentir da grande maioria da população cittadina, e as palavras de S. Ex.^{ma} não traduzem fielmente o que a opinião pública pensa a respeito do assunto, algumas das pessoas convidadas para fazer parte da Comissão que levasse por diante a iniciativa em marcha, sentindo-se pesarosas com o abandono a que as votaram, vieram até nós declarar que se mais verba não há, a *cnipa* pertence áqueles que, usando e abusando da política, menosprezaram a vontade decidida dos vimaranesenses que se propunham sair a terreiro para angariar a verba necessária para se construir um monumento digno e fora da categoria dos marcos funerários.

Ao Sr. Chefe da Polícia

A rua de Paio Galvão é uma das mais movimentadas artérias da cidade e como tal precisa que nela exista uma certa limpeza.

Deve, pois, ser policiada convenientemente para que, duma forma terminante, a possamos ver livre das sardinheiras que por ali estacionam, apregoando a «vivilha» ou fazendo estabelecimento no portal anexo à Ourivesaria do sr. José Fernandes. Pedimos pelo que rigorosas providências sejam tomadas.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS

Escritório — R. Gravador Molarinho, 32

(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

PROPRIEDADES

Vendem-se na freguesia de Douim — Guimarães e Santo Emílio — Póvoa de Lanhoso, quatro propriedades, bem situadas, com casas, árvores de fruta e vinho. Vendem-se também alguns campos à margem da estrada.

Trata Manuel Ribeiro — Santa Leocádia de Brites — Taipas.

RIBEIRO, FILHO (ALFAIATE)

Convida os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUEM

Inscrevendo-se sócio do **Montepio «A REFORMA»**, com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante rota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00 mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1:500\$00 e Subsídio para funeral de 1:000\$00 a 25:000\$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863:735\$96; Pensões de inabilidade, 42:668\$40; Pensões a herdeiros, 151:263\$80 e subsídios únicos, 38:960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19:281)

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos todas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes

Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS

Carreira de Caminheta entre Gonça--

S. Torcato--Guimarães e Estação do Caminho de Ferro

Teve começo no dia 21 do corrente e realizar-se-á todos os dias com excepção dos domingos, esta carreira de caminheta que serve várias e populosas freguesias do Concelho de Guimarães.

HORÁRIO

Partida de Gonça às 6,50 horas — Chegada a Guimarães, às 7,20 horas.

Partida de Guimarães, às 12 horas — Chegada a Gonça, às 12,30 horas.

Partida de Gonça, às 13,20 horas — Chegada Guimarães às 14 horas.

Partida de Guimarães às 19,30 horas — Chegada a Gonça, às 20 horas.

TABELA DE PREÇOS

Gonça a Guimarães	3\$00
S. Torcato a Guimarães	2\$00
Estrada da Corredoura a Guimarães	1\$50
S. Lourenço de Selho — Guimarães	1\$00
Madre-de-Deus Guimarães	1\$00
Cano à Cidade	50
Cidade à estação de Caminho de Ferro ou vice-versa	50

Os bilhetes de ida e volta têm o desconto de 20 p. c.

JOAQUIM LARANJEIRO DOS REIS

APRESENTA CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS
E LEMBRA A V. EX.^a E EX.^{ma} FAMÍLIA A

SAPATARIA LUSO

FERRO

FIGUEIREDO, PINTO & C.^a
GUIMARÃISCumprimentam os seus estimados
clientes, desejando-lhes boas fes-
tas e um feliz ano novo

A IMPERIAL

Aos seus estimados clientes
deseja BOAS-FESTAS

Casa das Gravatas

Dias & Carvalho, L.^{da}cumprimentam todos os seus
ex.^{mos} clientes e desejam-lhe
felizes festas e um bom ano
novoOLIVEIRA & SILVA, SUCRS.
TOURAL—GUIMARÃISCumprimenta todos os seus
ex.^{mos} clientes e deseja-lhes
felizes festas e um feliz ano
novoAlberto Pimenta Machado
(Fábrica de Móveis e Serraço)Cumprimenta e deseja a V. Ex.^a
e Ex.^{ma} família, Boas Festas e
um Novo Ano muito feliz.

André Martins dos Santos

(da Casa Fonseca, Filho & C.,
do Porto)deseja a todos os seus
ex.^{mos} clientes e amigos
um Natal muito feliz e
um ano novo muito
próspero.ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.^a
CASA SALGADO — Rua 31 de Janeiro
GUIMARÃISApresentam cumprimentos de
BOAS FESTAS
e desejam, aos seus ex.^{mos} clien-
tes um ANO NOVO
muito próspero e venturoso

Ribeiro & Filhos

Cumprimentam e desejam aos seus
clientes Festas Felizes e Novo
ANO cheio de prosperidades.

CRITICA SEMANAL

Dia de Natal — 25 de Dezembro de 1935

Eis-nos chegados ao Grande Dia do ano — Dia de Natal. Dia festivo em todos os lares, até os pobres, nesta Santa Noite, têm a sua almejada consoada, bem digna de si e do seu trabalho, mercê das qualidades caritativas de meia duzia de cavalheiros que se esforçaram a valer para que, neste tam solene dia, ninguém deixe de ter sobre a sua mesa uma consoada que os satisfaça e os alegre.

Esta tam bela tradição que se vem seguindo há já longos anos, merece a nossa estima e a nossa admiração. E' que neste dia, dedicado à Festa da Família, por ser dia do nascimento de Jesus Cristo, todos os parentes se reúnem, desde os mais ricos aos mais pobres, prontos a passar uma noite de agradável prazer com a família.

Uns que chegam de longe, aonde têm o seu emprego — o seu modo de vida, e portanto onde ganham o pão de todos os dias, com saúdes de há 365 dias não vemos os irmãos — os pais — os filhos — emfim — a Família inteira.

Outros que por virtude de se encontrarem muito longe da sua terra natal — no estrangeiro — etc., e por a vida não lhes ter corrido como era seu desejo, estão inibidos de vir consoar com a sua família, pois não possuem os capitais suficientes para a compra do seu passaporte de deslocação.

Para esses este dia é o mais triste do ano. Sentem remorsos de não poderem abraçar aqueles de quem possuem tantas saúdes. A vida é quasi sempre feliz para os ricos e fatídica para os pobres, atraçando sempre os mais infelizes, e portanto os miseráveis.

Boas Festas

Reporter A, apresenta ao digno director deste jornal, prezados colaboradores e estimados leitores, cumprimentos de Boas-Festas, e o seu desejo é que todos passem uma noite de consoada cheia de felicidades.

Ao Senhor Vereador das Obras

Nos números anteriores deste jornal e nesta mesma secção, temos reclamado enérgicas providências

contra o miserável estado em que se encontra a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

Sabemos, no entanto, que ainda não fomos atendidos nesta justíssima reclamação, motivo porque, vimos solicitar a atenção do Senhor Vereador das Obras da Câmara Municipal, para este importante assunto, certos de que seremos finalmente atendidos na nossa justa petição.

Não queremos com isto atropelar a quem quer que seja, mas desejamos somente lembrar a quem de direito que é indispensável e urgente mandar consertar a dita Avenida, a fim de não termos de sofrer desastres que são sempre desagradáveis.

Se, por acaso, pensum em mandar reconstruir a referida Avenida somente depois de deitar as cascas da mesma Avenida abaixo, fazem mal, na nossa modesta opinião, pois estas obras parecem-se com as chamadas de Santa Engrácia, que principiam e ficam em meio, e até ai, o trânsito pela mencionada Avenida deixa de se fazer, visto a mesma estar em miseráveis condições.

De resto, a Avenida em referência, deve ser reconstruída urgentemente, para bem duma população inteira que assim o reclama e para bem dos seus muitos habitantes que assim o exigem.

A ver vamos...

O Largo da Oliveira às escuras

Quem passar de noite pelo Largo da Oliveira, encontra-o completamente às escuras, sem uma única lâmpada.

Isto não sucede somente com o Largo da Oliveira, pois quasi todas as artérias da cidade, estão sem luz e no estado de mortas.

O Relógio da Oliveira, às horas nocturnas, não serve para nada, no estado em que se encontra, visto não possuir um foco eléctrico que há pouco tempo ainda tinha para sua iluminação.

Seria conveniente que logo que o fiscal não trata de nada, quem de direito tome a seu cargo a resolução imediata deste assunto, mandando iluminar o Largo da Oliveira, Relógio do mesmo largo, e todas a ruas que de noite aparecem mortas, por falta de luz.

Assim evitar-se-iam ásperas mas justas censuras da população cidadina e de todas as pessoas que nos visitam.

REPORTER A.

A festa da Emissora Nacional dedicada ao Distrito de Braga

Realizou-se há dias, como fôra anunciado, a festa promovida pela Emissora Nacional e dedicada ao Distrito de Braga.

Não pudemos, em virtude de inadiáveis afazeres, assistir a essa festa, mas sabemos que decorreu com brilho, tendo alcançado o maior êxito da noite a «Ronda de Guimarães», número este que deve ter deixado maravilhados muitos radiófilos portugueses, principalmente aos do Sul do País.

Pena foi que a audição não fôsse ouvida, em todas as suas partes nos diversos pontos do país, cremos que por ter havido qualquer avaria na montagem dos serviços de transmissão.

O nosso bom amigo e distinto Poeta sr. Jerónimo Almeida não se ouviu, os seus versos não puderam ser apreciados. Dizem-nos, no entanto, que o seu trabalho era digno de ouvir-se pelo seu elevado valor literário e Poético.

Ouviram-se, porém, muitos discursos, e alguns longos, fastidiosos e impróprios para uma festa daquelas, o que não quer dizer que alguns oradores tivessem prendido a atenção dos ouvintes, com descrições interessantes e oportunas.

Mendigos

(A minha filha.)

Dá-me o braço, pobrezinho,
ensina-me o teu caminho,
— Calvário de eterna dor;
Quero ajudar-te a pedir
e, como tu, a sorrir
p'ra cada esmola de amor.

Deixa que eu leve a sacola
para irs mais descansado:
— A minha alma se consola
de ver-te, assim, amparado,
pobrezinho, a meu lado,
pedindo contigo esmola.

Enquanto não surge a aurora
e a neve, de-vagarinho,
nos mostra o longo caminho,
cortemos p'la estrada fora.

Nas cabanas, a está hora,
Canta o pão e o alegre vinho...
Dezembro — 1935 —

AFONSO FRANÇA.

Arrematação ANUNCIO

1.^a praça

No dia 12 do próximo mês de Janeiro de 1936, pelas 13 horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, tem de proceder-se à arrematação em hasta pública para serem entregues a quem mais oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes bens penhorados aos reus executados Joaquim Fernandes e mulher Miquelina Rosa Novais, da freguesia de Rendufe, nos autos de acção sumária, em execução de sentença, que contra eles move António Martins, casado, lavrador, da freguesia de Lobeira, ambos desta comarca, a saber:

Diversos mobiliários, como caixas de várias madeiras, mesas, bancos de pinho, maceira, pótes de ferro, malgas de louça e pratos, dornas, cascos vassios e outros cheios de vinho, toalhas e géneros de consumo, como batatas, feijão e milho.

IMOBILIÁRIOS

Propriedade denominada do Cruzeiro ou Assento, situada na freguesia de S. Romão de Rendufe, que se compõe de casa sobradada e terra de horta, descrita na conservatória sob n.º 39281 do livro B. 109, avaliada em Esc. 2.000\$00.

Propriedade denominada da Cancela, situada no lugar da Cancela, freguesia de S. Cosme da Lobeira, que se compõe de casa sobradada e terra de horta, descrita na mesma conservatória no livro B. 109 sob n.º 39282, e avaliada em Esc. 2.550\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos, nos termos e para os efeitos da lei.

Guimarães, 7 de Dezembro de 1935.

O chefe interino da 1.^a Secção,
Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei.

O Juiz de Direito. — 2.^o substituto,
Manuel Bernardino d'Araújo Abreu.

Casa nas Caldas das Taipas,
Lugar do Tapedo, aluga-se com 9 divisões, electricidade, jardim e quintal. Tem água de mina.

Falar na mesma.

Se pretende calçar o que é moda
visite a
SAPATARIA LUSO

ANUNCIO

No dia 5 do próximo mês de Janeiro, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para ser entregue a quem maior lance oferecer acima da avaliação, do imóvel em seguida mencionado, penhorado aos executados José da Silva Abreu e mulher Maria da Silva Salgado, proprietários, do lugar da Deveza, freguesia de S. Martinho de Candoso, desta comarca, nos autos de execução hipotecária que lhes move João Ribeiro de Castro Meireles, casado, proprietário, de S. Tiago de Candoso, também desta comarca.

IMÓVEL

A propriedade da Deveza, situada no lugar do mesmo nome, da freguesia de S. Martinho de Candoso, desta comarca, de natureza alodial, composta de casas telhadas e horta com árvores de fruta e ramadas de ferro e arame, descrita na conservatória respectiva sob o N.º 23.293, do L.º B 93, a fls. 42. Vai à praça pela quantia de 22.300\$00.

Deste prédio foi desmembrado o prédio N.º 9.240, que é o seguinte: — Um edificio de instalação fabril, situado no lugar da Deveza, freguesia de S. Martinho de Candoso, desta comarca, com seis janelas em cada um dos lados norte e sul e duas janelas de cada um dos lados poente e nascente, com uma porta ao centro.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1935.

O chefe da 3.^a secção,
Luiz Cândido Lopes.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
substituto,
João Aires.

CASA NAS TAIPAS

ALUGA-SE uma na freguesia de S. Clemente de Saudo. Tem luz eléctrica, água, ligação telefónica e quintal. Falar no lugar do Tapedo, da mesma freguesia.



O NATAL

(Ao Menino Jesus)

Venho beijar-te meu menino
por seres filho de Maria,
em que eu, linda pequenina,
recordar tempos de alegria:

anos passados, já distantes,
de minha infância tam querida,
em que eu, linda pequenina,
ria e cantava embevecida.

Oh! quantos anos já lá vão
desde a risonha consoada,
em que eu, linda pequenina,
te contemplei extasiada.

Como já vão longe os Natais
dos meus ridentes sonhos ledos,
em que eu, linda pequenina,
me davas broas e brinquedos...

Muita boneca graciosa
e até um bergo delicado:
— hoje, porém, que sou mulher,
dáis-me a saúdade do passado.

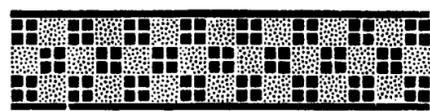
(Do livro Saudade).

BEATRIZ ARNUT.

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República-GUIMARÃES

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLONIAS

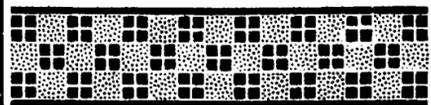
Bolachas



A GRANDE MARCA PORTUGUESA



A GRANDE MARCA PORTUGUESA



Massas

FILIAL NO PORTO

Carreira entre Guimarães e Pôrto

ESCRITÓRIO EM GUIMARÃIS
ANTÓNIO FERRA, FILHO

Largo do Tournal, 127

PARTIDAS: 8 h., 12,30 e 18,15

No PORTO Rua do Almada
ESCRITÓRIO

Garage C. Pôrto

PARTIDAS: 8 h., 10,15 e 17



João Ferreira das Neves

Cupertino de Miranda & C.^a

Rua Sá da Bandeira, 56

Tel. 482 e 483 P. B. X.
Estado 65
Telegramas «TINANDA»

Filial:
Rua Sá da Bandeira, n.º 9
Agência:
Vila Nova de Famalicão

Colocação de capitais em Depósitos à Ordem e a Prazo e Títulos de Crédito

Moedas—Câmbios—Saques—Cobranças

Administração de bens no Brasil

Secção de Seguros:

Agentes no Norte do País das companhias estrangeiras:

“La Preservatrice,,: Incêndio, Acidentes e Automóveis.

“La Equitativa,,: Vida.

“La Baloise,,: Marítimos, Terrestres e Postais.

Secção de MERCADORIAS, Lotarias e Valores Selados

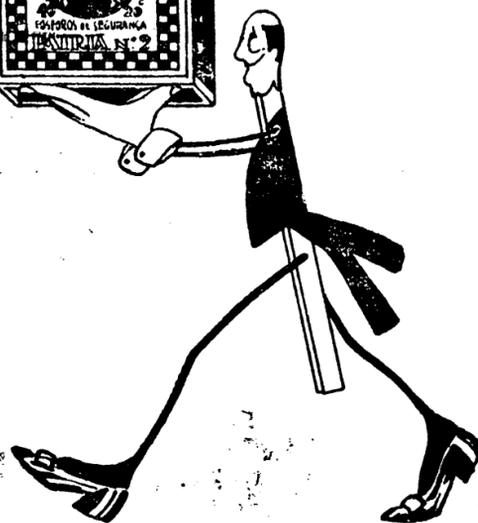
Todas as operações bancárias nos moldes mais liberais

Agente em Guimarães:

Alberto Gomes Alves

O concurso dos fósforos PATRIA

FOSFOROS PATRIA
OS MELHORES



É OS QUE MAIS VANTAGENS OFERECEM AOS CONSUMIDORES

1.º Prémio: Um automóvel ou um camião ou compras na casa Grandela na importância de escudos 28:000\$00.
2.º Prémio: Um automóvel ou compras na casa Grandela na importância de escudos 17:000\$00.

SOCIEDADE NACIONAL DE PHOSPHOROS
Para concorrer a êste sorteio basta entregar 100 tampas de quaisquer das referidas marcas de fósforos na
RUA DE S. JULIÃO, 139

O Melhor Café é o da BRASILEIRA

Teles & C.^a, L.^{da}

61, RUA SÁ DA BANDEIRA, 91

P O R T O

Se vai ao Pôrto...

Experimente o nosso fabrico de pastelaria e traga de lá o afamado

BOLO-REI

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

P. de D. Afonso Henriques

GUIMARÃIS

Grandes importadores de algodões

Marques Pinto, Irmãos, Limitada

P O R T O
L I S B O A

P O R T U G A L

SANTARINA
P A I A

B R A S I L

Importadores de madeiras e algodões de todas as procedências

Fábrica Têxtil de Vizela, Limitada

Fábrica de Fiação e Tecidos
Especializada em fios finos
marcerizados e de 2.^a

Fiações: de desperdício, média e fina.
Marcerização e gazeamento

VIZELA

H. VAULTIER & C.^A

Casa fundada em 1897

Sede em Lisboa

Filial no Pôrto—R. Mousinho da Silveira, 203

Filiais:

Lisboa, Pôrto, Covilhã, Olhão,
Estremoz, Ponta Delgada

Agências:

Madeira, Fayal, Angola
e Casablanca

250 DEPOSITARIOS EM TODO O PAÍS

Borrachas, Correias, Amianto, Material de Incêndios,
Acessórios de moagem, Oleos de lubrificação da afamada marca «EAGLOIL» — de origem, absolutamente puros, para lubrificação de motores, maquinismos, etc.

REPRESENTANTES: GOMES ALVES, MATOS & C.^A

¿Precisa V. Ex.^a de comprar calçado?

Queira ir ao DEPOSITO ATLAS em Guimarães na Rua da República, 77-79.

Permite-lhe a sua situação económica dar a preferência aos artigos de primeira qualidade?

Peça um «Atlas» e dispendirá para homem 95\$00 a 110\$00
para senhora 85\$00 a 100\$00

Está em boa situação económica mas prefere artigos de preço médio para economizar?

Peça um «Packard» e dispendirá para homem 80\$00 a 90\$00
para senhora 70\$00 a 80\$00

É funcionário ou empregado no Comércio e Indústria? Ganha um pequeno ordenado mas precisa apresentar-se bem?

Peça um «Gorilla» e dispendirá para homem 70\$00 a 80\$00
para senhora 60\$00 a 70\$00

É operário? Vive do seu modesto salário precisando, por isso, de adquirir artigos de pequeno custo e grande durabilidade?

Peça um «Popular» e dispendirá para homem 60\$00 a 70\$00
para senhora 50\$00 a 60\$00

E fiquem V. Ex.^{as} certos de que, com o calçado de qualquer destas quatro marcas, ficarão bem servidos, pois todo êle é fabricado pela ATLAS, nas mesmas fôrmas e pelos mesmos processos que tam grande fama tem dado aos seus produtos.

Galochas — Polainitos — Solas e tacões de borracha
Preços fixos e vendas só a dinheiro

A GRANDE MARCA NACIONAL

E. I. PONT DE NEMOURS & COMPANY
INCORPORATED

ORGANIC CHEMICALS DEPARTMENT
WILMINGTON, DELAWARE

ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS

Böhme Fettchemie-Gesellschaft

Produtos especiais para a Industria Textil e de Coustumes

CHEMNITZ

AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

ROST & JANUS, SUCRS.

Secção de Anilinas e Produtos Quimicos

TELEFONE 437

Rua Passos Manuel, 70-1.
PORTO

Empresa Auto-Recoveira Vimaranense

Com camionetes de aluguer
para transporte de mercadorias

Especializada
em mudanças

Rua 31 de Janeiro, 115

TELEFONE. 217

MARIO COSTA & C.^A, L.^{DA}

Sede no Pôrto: — Rua do Almada, 30-1.º e 2.º

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS DE:

Walter Carson & Sons, L.^{td}

LONDRES

Fabricantes da afamada tinta
MURALINE
para a pintura de paredes

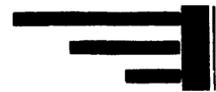


LA BELLE-HARD-GLOSS

Esmaltes de grande resistência e brilho

Tinta anti-corrosiva

"Carson's"



Tinta de grande resistência
para todas as obras
de engenharia

Compagnie Française de Produits Chimiques et Matières Colorantes de Saint-Clair-Du-Rhone

Compagnie Nationale de Matières Colorantes et Manufactures de Produits Chimiques Du Nord Reunies

(ETABLISSEMENTS KUHLMANN)

Fabricantes de corantes para todas as fibras, básicos, ácidos, ao cromo, directos, meia-lã, Naphtazol, etc., etc.
Fabricantes dos corantes de cuva, de grande solidez às x x intempéries

SOLANTHRENES

Pigmentos celulósicos
"LISSANOL"

CHENEVIER, BAIGLY G. PEYRACHE & CIE

PARIS



Produtos para curtimenta:
CHROMIN, PEROLI, etc.

MERCIER FRÈRES

— Annonay

Máquinas para a indústria de cortumes

RIVAYROL AINÉ

— Montauban

Pêlos para o fabrico de chapéus



AGENTES:

LISBOA: A. Guimarães — Rua Rodrigues Sampaio, 158 r/c Esq.º
COIMBRA: Lotário Lopes M. Ganilho — Praça 8 de Maio, 16
BRAGA: Viuva de Manuel Rodrigues Barbosa — Rua de S. Vicente, 43
VISEU: Viuva de Manuel Sena Ferreira — Rua do Arco, 4 a 8
COVILHÃ: Alberto da Cruz Moreira
GOVEIA: Eduardo Saraiva de Carvalho — Praça de Vasco da Gama
MANTEIGAS: Adalberto Lucas Saraiva

M. Gomes Netto Júnior

SENHORA DA HORA

Correias para transmissão

Fabricadas em couro natural de Bufalo (Inextensíveis):

Durax-Bufalo
Tano-Bufalo

Fornecimento especializado de correias de transmissão e todos os acessórios em couro para fiação e tecelagem.

Correias Tira-Tacos

Qualidades fabricadas em couro de Bufalo:

Cromo-Claro
Nitro-Chrome Preto

Bufalo-Silite Chrome

+ + + a correia para braços de teares, da mais alta resistência + + +

TACOS PARA TEARES. Fornecimento de todos os modelos normais para algodão, seda, lã e juta

Modelos especiais e registados, fabricados em couro de Bufalo-Batavia, dotados das mais reconhecidas características de durabilidade e resistência x

Agentes depositários e distribuidores:

Gomes Alves, Matos & C.^a — Guimarães

SAPATARIA LUSO

GUIMARÃIS

REPRESENTANTE DA

SOCIEDADE DE CALÇADO

MINERVA

FÁBRICA MECANICA DE CALÇADO

TRAVESSA DOS CAMPOS, 190

TELEFONE N.º 2752

PORTO

MINERVA É O CALÇADO PREFERIDO POR TODAS AS PESSOAS QUE DESEJEM CALÇAR BEM

PERFEIÇÃO
ELEGANCIA
DURABILIDADE

SE AINDA NÃO CALÇOU MINERVA, DEVE RESERVAR OS PRIMEIROS PASSOS DO 1936 A ÊSTE CALÇADO

S
O
C
I
A
L

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL, ESC. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua
assistência para os

SEGUROS CONTRA
DESASTRES NO TRABALHO

Agência
em

SEDE: Rua Cândido dos Reis, 42 (Palácio Conde de Vizela) — PORTO

Guimarães — HENRIQUE DE SOUSA CORREIA GOMES

JOSÉ DE MELO & C.^A

Despachos de Exportação ++
++ Importação e cabotagem
R. Nova da Alfândega, 67
PORTO

Casa fundada em 1828 +++
Telefone: Escritório e Secção
na Alfândega 73 e Estado 57
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

DESPACHANTES, AGENTES MARÍTIMOS E INTERNACIONAIS
AGENTES E COMISSÁRIOS DE FABRICANTES x x x x x
x x x E NEGOCIANTES ESTRANGEIROS E NACIONAIS

António José Lopes Correia, Filhos

Fábrica de tecidos

P E V I D E M

Telefone 13 (Rêde de Pevidem)

Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.^{da}

PORTO

Fabrica em Portugal os melhores e mais finos
tecidos brancos e de côres lisas,
os já afamados

“TECIDOS BREINER”

sendo inconfundíveis as suas opalinas. Estes
tecidos encontram-se à venda nos
armazéns do sr.

Alberto Pimenta Machado

VIDAL & VIDAL

SUC.^{RES} GRACIO, ESTEVES & PINTO, L.^{DA}

AGENCIA DE DESPACHOS, MUDANÇAS E TRANSPORTES
EM LISBOA E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

DESPACHOS NAS ALFANDEGAS

EXPEDIÇÃO E REEXPEDIÇÃO DE MERCADORIAS
PELA VIA MARÍTIMA

Sede — 9, RUA DA VITÓRIA, II — LISBOA

Telefone 2 4788

Companhia Fabril do Cávado

PORTO

TELEFONE 4356

Tecidos para o continente e Províncias
Ultramarinas
Papel de todas as qualidades

TELEFONE n.º 18

Telégrafo: FÁBRICA BUGIO

FÁBRICA DO BUGIO

DE

JOSÉ FLORÊNCIO SOARES & C.^A, SUCESSORES

FAFE

Fiação e tecelagem de algodão
Fabrico de fios penteados até ao n.º 120 com ramas da
melhor qualidade
Especialidade em flanelas de algodão, as mais reputa-
das do fabrico nacional

FÁBRICAS E ARMAZÉM
DE TECIDOS DE ALGODÃO

E
FÁBRICA DE MOVEIS E SERRAÇÃO

DE

Alberto Pimenta Machado

Rua de Paio Galvão
Rua de Gil Vicente

Telefones { Armazém, 59
Escritório, 110
Residência particular, 87

Filial — Vendas a retalho

Colossal sortido em casimiras e inúmeros artigos para homem e senhora

Rua 31 de Janeiro

Telefone 180

GUIMARÃIS

O proprietário do papel de fumar

“CONQUISTADOR”



Vem por este meio apresentar a todos os seus Ex.^{mos} clientes, amigos e consumidores da sua marca de papel “CONQUISTADOR”, a sua gratidão que têm dado a esta afamada marca.

A todos deseja **Boas-Festas** e um novo ano cheio de prosperidades.

Agradece muito reconhecido

EDUARDO DE SOUSA

146 — Rua da Madeira — 150

PORTO (PORTUGAL)

João da Silva Broqueira



CALÇADO DE LUXO
PARA SENHORA
E CRIANÇA

Fabrico e Exportação para o Continente, Ilhas e Colónias

ESCRITÓRIO, ARMAZÉM E OFICINAS
RUA PASSOS MANUEL, 219
PORTO

Sapataria
GUIMARÃIS LUSO

APRESENTA EM MODELOS E PELARIAS DE ALTA NOVIDADE, A JÁ CONHECIDA MARCA

LUSO

DA QUAL É ÚNICA REPRESENTANTE

Se deseja oferecer um par de sapatos, não escolha uma casa que não seja especializada

Oficinas gráficas “Minerva”

DE — GASPARD PINTO DE SOUSA & IRMÃO

TELEFONE 26 — VILA NOVA DE FAMALICÃO

Tipografia — Estereotipia — Policromia — Relêvo — Encadernação
Livro, Revista, Jornal
Todo o género de trabalhos comerciais e industriais
Casa fundada em 1885
Fornecem-se orçamentos

Empresa Têxtil da Cuiçã, L.^{da}

FABRICA:
MOREIRA DE CONEGOS
VIZELA

TELEFONE, 24

SÉDE E ESCRITÓRIO
56, Rua de Paços Manuel, 58
PORTO

TELEFONE, 1147

Especialidade em riscados próprios
para o Continente, Ilhas e Coló-
nias e artigos mixtos de algodão
e seda



Só uma linda mulher, é que
pode substituir uma camisa

Tabú

Depositários em Guimarães: CASA DAS GRAVATAS
DIAS & CARVALHO
PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES

Fábrica de Tecidos de Algodão
e Mixtos de Sêda

DE

Sebastião Martins Moutinho & C.^a

Rua de S. Roque da Lameira, 606

PORTO

TELEFONE 82

Francisco Manuel Durães & Filhos, L.^{da}

Fábrica a vapor de tecelagem
Tinturaria e serração

Rua Conselheiro Lopes da Silva

VALENÇA

TELEFONE, 19

Empresa Industrial de Santo Tirso, L.^{da}

(FÁBRICA DO ARCO)

SANTO TIRSO

PÓRTO

RUA 5 DE OUTUBRO

RUA CÂNDIDO REIS

TELEGRAMAS - EMPRESA
TELEFONE - 38

TELEGRAMAS - ZÉFIR
TELEFONE - 4.000

FIÇÃO, TECELAGEM E ACABAMENTOS

Fábrica de Fiação e Tecidos da Carreira, L.^{da}

Escritório no Pôrto: **CARREIRA** Carreira:
Rua de Traz, 70-2.º Vila Nova de Famalicão

A nossa fábrica está situada no Concelho de Vila Nova de Fa-
malicão, a onze quilómetros do centro da vila, e à margem da
estrada que conduz de Famalicão a Riba d'Ave. Dotada e ape-
trechada com os maquinismos mais modernos e aperfeiçoados,
estamos especializados no fabrico de

FIOS FINOS MERCERIZADOS

para o que possuímos secções especiais, a cargo de pessoal
+ + + + + competentíssimo e especializado + + + + +